

Sementes da esperança:

boas práticas de convivência com o
semiárido • Turismo e juventude rural

*Sistematização de uma experiência
de Intercâmbio na Paraíba*



Sementes da esperança:

boas práticas de convivência com o
semiárido • Turismo e juventude rural

*Sistematização de uma experiência
de Intercâmbio na Paraíba*

Paraíba



2019

FICHA TÉCNICA PROGRAMA SEMEAR INTERNACIONAL

COORDENAÇÃO · FABIANA DUMONT VITERBO
ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA FINANCEIRA · ANA LUIZA SANTOS
GERÊNCIA DE GESTÃO DE CONHECIMENTO · ALINE MARTINS DA SILVA
GERÊNCIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL · RUTH PUCHETA
ASSISTÊNCIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL · ESTHER MARTINS
GERÊNCIA DE M&A E COMUNICAÇÃO · DIOVANNE FILHO
ASSESSORIA DE M&A · ADALTO RAFAEL

PUBLICAÇÃO

TEXTO FINAL · PROCASUR
IMAGENS · PROGRAMA SEMEAR INTERNACIONAL | PROGRAMA PROCASE
REVISÃO · ALINE MARTINS DA SILVA, MARCIA DORNELLES E ESTHER MARTINS
PROJETO GRÁFICO · SIMONE SILVA – FIGURAMUNDO
INTERCÂMBIO · REALIZADO COM O APOIO TÉCNICO DA PROCASUR

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F981r

Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

Sementes da esperança: boas práticas de convivência com o Semiárido – Turismo e Juventude Rural – [Salvador]: Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2019.

88 p. : il. color.

ISBN: 978-92-9072-954-9

Esta cartilha reúne cinco boas práticas de convivência com o Semiárido que estão vinculadas a processos de turismo rural. A obra é resultado da parceria entre Semear Internacional, Procasur e os beneficiários do FIDA atendidos pelo Programa Procace na Paraíba.

1. Semiárido. 2. Turismo Rural. 3. Jovens Rurais. 4. Desenvolvimento Sustentável. I. Título.

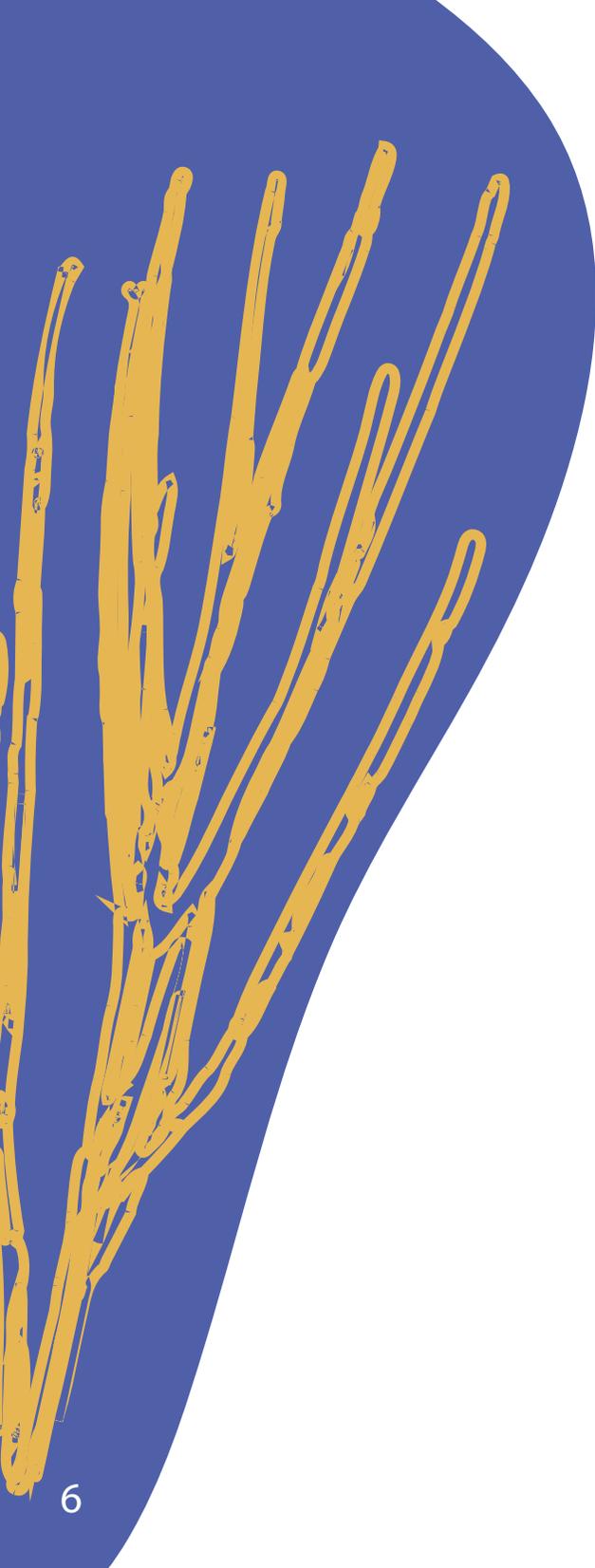


**TURISMO
RURAL**

CONHECER, VALORIZAR E MANTER
O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Glossário

ABRASEL	Associação Brasileira de Bares e Restaurantes
ADESCO	Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim
ADESMAF	Associação de Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas
ARTEZA	Cooperativa dos Curtidores e Artesãos de Couro de Ribeira de Cabaceira
ASA	Articulação do Semiárido
BNB	Banco do Nordeste
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CASACO	Associação de Lideranças e Organizações de Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri Paraibano
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COOPERAR	Executor de políticas e projetos de desenvolvimento rural sustentável
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMPAER	Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária
EMPREENDER	Política Pública de Microcrédito para atender empreendedores locais, residentes no Estado da Paraíba.
FIDA	Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola
FRS	Fundo Rotativo Solidário
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
IICA	Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura



INSA	Instituto Nacional do Semiárido
MAPA	Ministério da Agricultura, Pesca e Abastecimento
ME	Microempresa
MEI	Micro Empreendedor Individual
P1+2	Programa Uma Terra e Duas Águas
P1MC	Programa Um Milhão de Cisternas
PROCASE	Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú da Paraíba
PROCASUR	Organização Global Especializada em colher e escalar inovações locais.
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMEAR	Programa de gestão do conhecimento em zonas semiáridas do Nordeste do Brasil
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
TRC	Turismo Rural Comunitário
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

Sumário

5	<i>Glossário</i>
9	<i>Atuação do FIDA no Brasil com o Programa Semear Internacional</i>
11	<i>O FIDA no Brasil</i>
13	<i>Apresentação</i>
15	<i>Os Territórios: Borborema e Cariri Oriental na Paraíba</i>
17	<i>O Turismo Rural</i>
23	<i>O Intercâmbio</i>
28	<i>Começando a Trilha</i>
29	<i>Projeto Flores Vila Real</i>
45	<i>Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim – ADESCO</i>
54	<i>Seguindo na trilha: de Areia para Cabeceiras e Boqueirão</i>
55	<i>Cooperativa dos curtidores e artesãos de couro de Ribeira de Cabaceira – ARTEZA</i>
65	<i>Condutores de Turismo e as Crocheteiras do Marinho – Boqueirão</i>
71	<i>Associação de lideranças e organizações de agricultores e agricultoras familiares do Cariri Paraibano – CASACO</i>
80	<i>Concluindo</i>
83	<i>TALENTOS RURAIS</i>

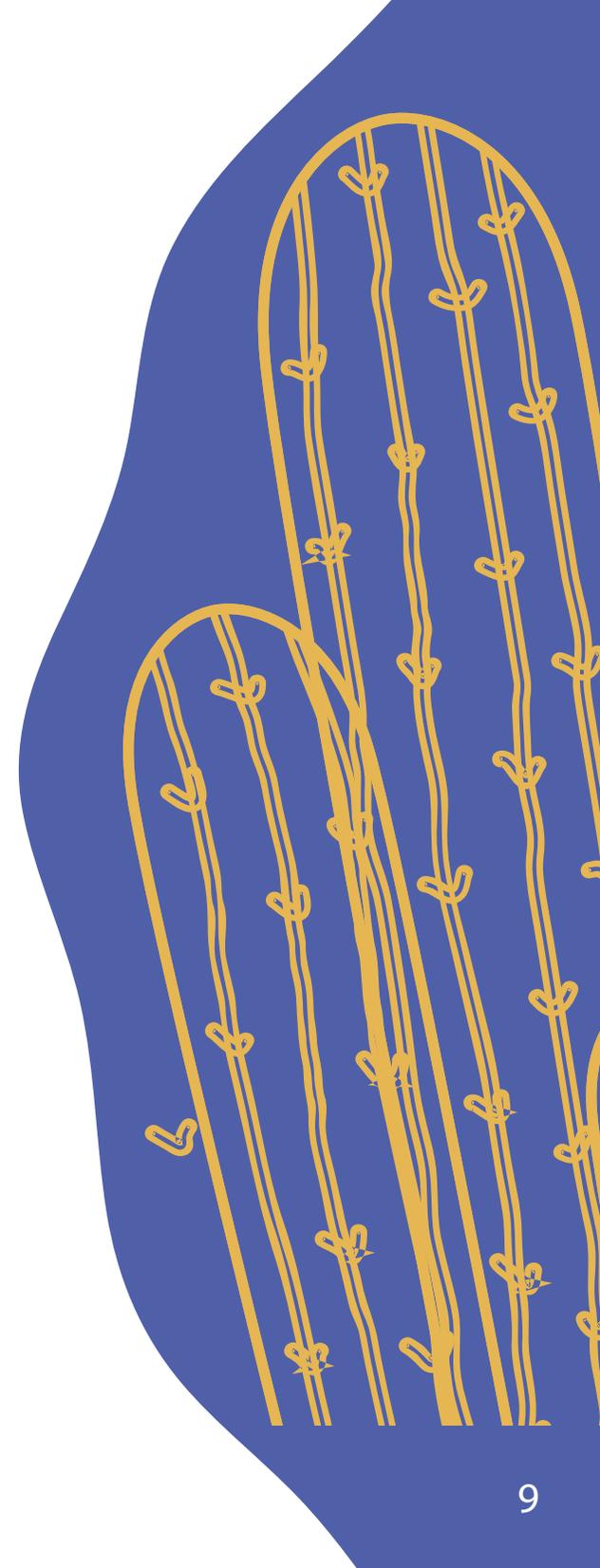
Atuação do FIDA no Brasil com o Programa Semear Internacional

O Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), uma agência de investimentos das Nações Unidas (ONU), que em parceria com governos estaduais do Nordeste e com o Governo Federal, possui uma carteira de projetos de desenvolvimento rural que hoje conta com um quadro de seis projetos de financiamento em execução, que focam no desenvolvimento de projetos produtivos de geração de renda agropecuária, cooperativismo, associativismo e acesso a mercados.

Com uma meta de aumentar a renda, promover a segurança alimentar nutricional e diminuir a pobreza do público beneficiário em vários estados da região Nordeste, o FIDA incentiva ações direcionadas, que têm como prioridade o envolvimento de mulheres, jovens e comunidades tradicionais.

Paralelo a este trabalho, o FIDA ainda busca realizar ações que vão além do desenvolvimento produtivo nas comunidades atendidas, estimulando o acesso à informação através de ações direcionadas e focadas no conhecimento, visando facilitar o acesso a saberes, inovações e boas práticas contextualizadas para a convivência com o Semiárido.

Assim foi criado o Programa Semear, que por seis anos atuou junto aos projetos apoiados pelo FIDA na promoção do desenvolvimento sustentável e equitativo da região.



Com o sucesso do Programa Semear, uma segunda fase deste projeto foi implementada, nascendo assim o Semear Internacional, com foco no Monitoramento & Avaliação, Comunicação, Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul, apoiando sua gestão no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Em sua atuação, o Programa vem contribuindo de forma expressiva para a sistematização e disseminação das boas práticas dos projetos do FIDA no âmbito nacional e internacional. Por meio de intercâmbios com técnicos e beneficiários dos Projetos, formação técnica para gestores públicos, articulações institucionais, promoção do trabalho em gênero, apoiando a coleta de dados socioeconômicos e sistematizando resultados, publicações de livros, boas práticas e matérias em formatos impresso e digital, o Semear Internacional contribui potencializando e visibilizando a difusão do conhecimento e das boas práticas dos seis projetos do FIDA.

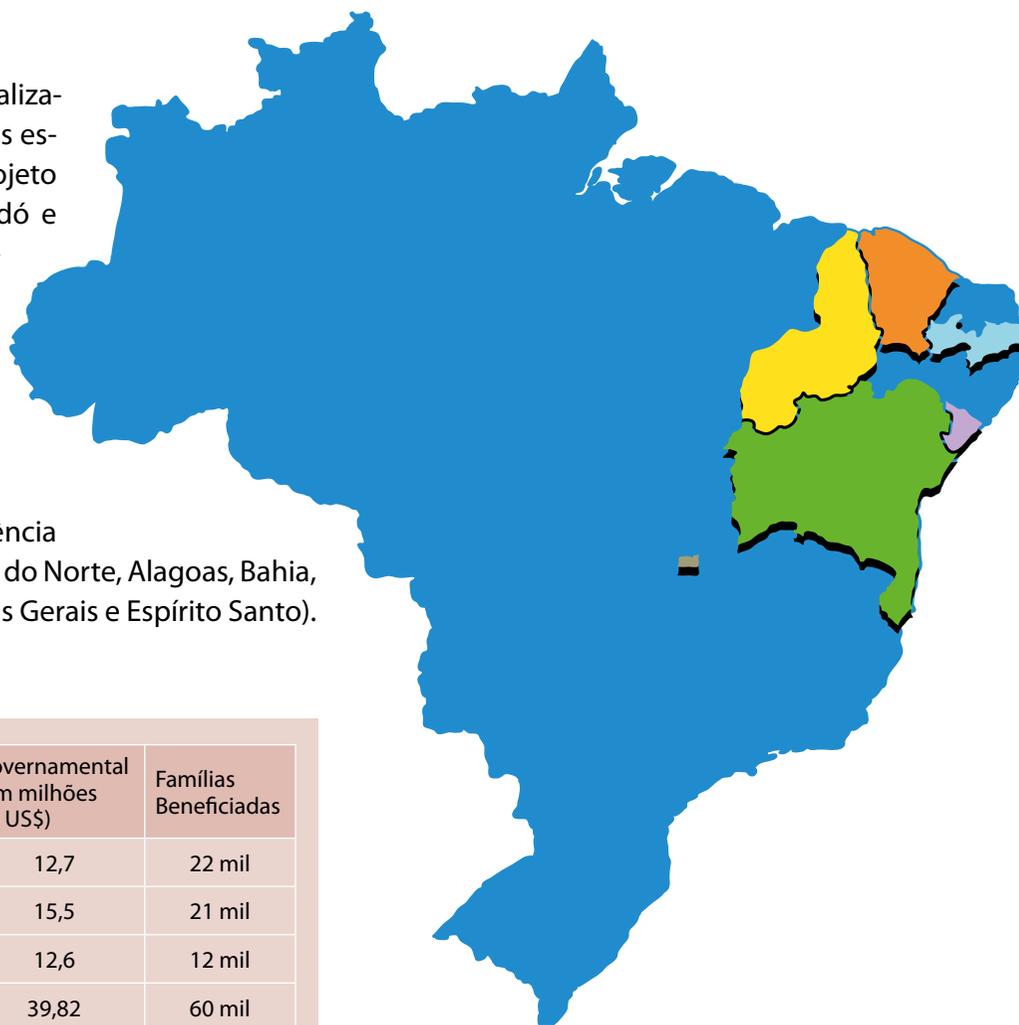
*Acesse o site do Semear Internacional
e conheça mais sobre nosso trabalho e
acesse todas as publicações inclusive esta
que está em suas mãos agora:*

<http://portalsemear.org.br/>



O FIDA no Brasil

Atualmente, o FIDA é parceiro estratégico na realização de cinco projetos dos seguintes governos dos estados, por meio de acordos bilaterais: Paraíba (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú – PROCASE), Bahia (Projeto Pró-Semiárido), Sergipe (Projeto Dom Távora), Piauí (Projeto Viva o Semiárido), Ceará (Projeto Paulo Freire); além do Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC) com o governo federal, executado pela Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo (SAFC) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com abrangência em onze Estados (Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Piauí, Paraíba, Sergipe, Maranhão e norte de Minas Gerais e Espírito Santo).

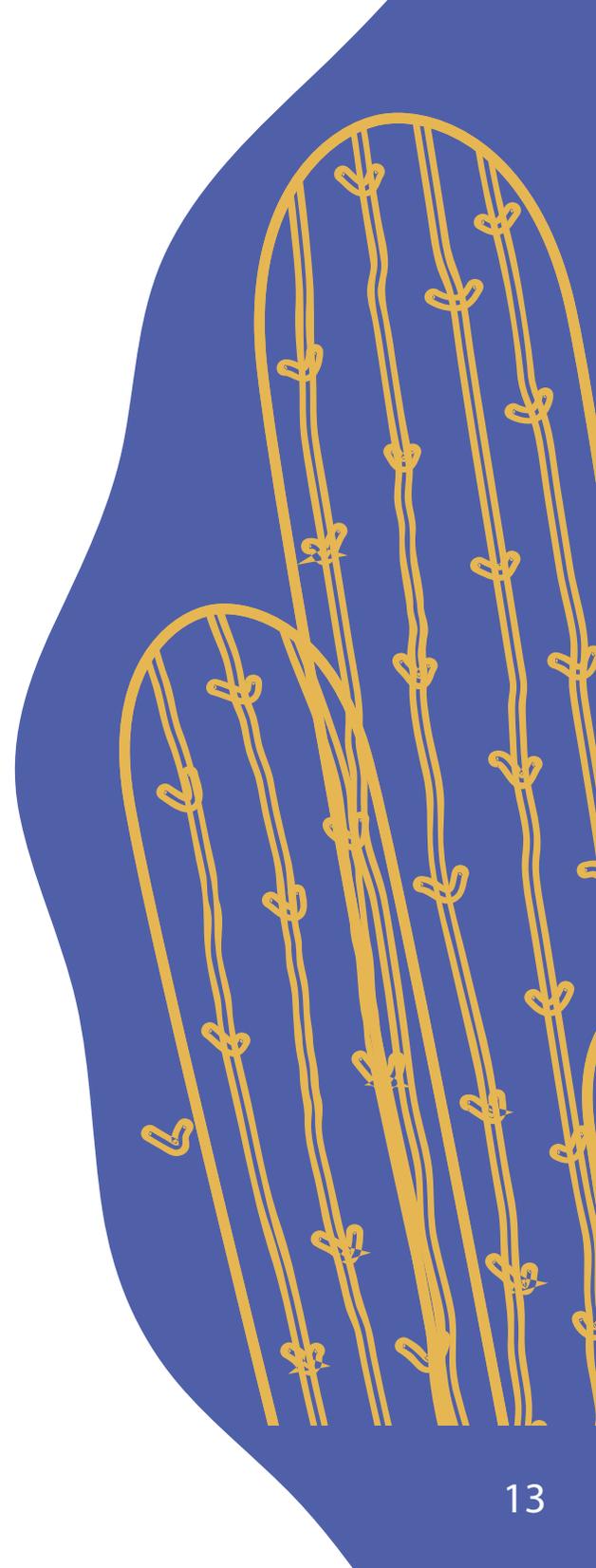


Nome	Unidade Federativa	Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	Governamental (em milhões de US\$)	Famílias Beneficiadas
Viva o Semiárido	 Piauí	20	12,7	22 mil
PROCASE	 Paraíba	25	15,5	21 mil
Dom Távora	 Sergipe	16	12,6	12 mil
Paulo Freire	 Ceará	32,2	39,82	60 mil
Dom Hélder Câmara 2	 Federal	3	82	74 mil
Pró-Semiárido	 Bahia	45	50	70 mil

Apresentação

Ao sistematizar experiências de maneira participativa parte-se do princípio que o saber fazer e o conhecimento dos talentos locais são ativos intangíveis, mas concretos dos processos de desenvolvimento. Suas práticas podem ser explicitadas, questionadas, enriquecidas e registradas de forma a serem compartilhadas e divulgadas em outros contextos similares onde possam ser aproveitadas para mudar realidades locais. Percorrendo o Nordeste brasileiro, mas especificamente a região semiárida dos territórios de Borborema e Cariri Oriental na Paraíba, foi possível identificar atividades baseadas na partilha de conhecimentos entre os moradores desses territórios e os visitantes, visando posicionar o turismo rural como alternativa de desenvolvimento social e econômico da região. Esta cartilha mostra a trilha que um grupo de produtoras, produtores, gestores públicos e técnicos fizeram para conhecer e trocar experiências sobre estratégias que visam diversificar a renda das famílias, cuidar e preservar os recursos naturais e construir organizações que incluam a maioria de pessoas em processos, bem-sucedidos, de desenvolvimento sustentável.

Organizado pelo Programa Semear Internacional, responsável pela gestão do conhecimento junto aos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil, em parceria com a Corporação Procasur, o intercâmbio reuniu cerca de 30 jovens de comunidades rurais (Paraíba, Piauí, Pernambuco), técnicos e consultores (Projetos FIDA: PROCASE, Projeto Viva o Semiárido, Projeto do Helder Câmara, Programa Semear Internacional, Procasur, Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA e Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola – IICA). O encontro destes atores possibilitou a aproximação a práticas de turismo rural





que se apresentam como alternativas de atividades agrícolas convencionais e favorecem o uso sustentável de ativos culturais e naturais dos territórios visitados.

Esta cartilha tem o objetivo de registrar essas práticas a partir do diálogo com seus protagonistas principais, identificando as principais características delas, algumas limitações que foram enfrentadas no processo de sua implementação e as expectativas de consolidar o turismo rural como uma das atividades centrais para o desenvolvimento desses territórios. Ao final do documento descreve-se o perfil de alguns dos talentos que compartilharam sua história como empreendedoras e empreendedores do turismo rural na Borborema e no Cariri Oriental da Paraíba, registro que faz parte da plataforma de Talentos Rurais da Procasur.

Venha conosco nesta trilha de saberes, de flores, artesanatos, boa comida, produção de ovinos e de caprinos e festas do interior paraibano!

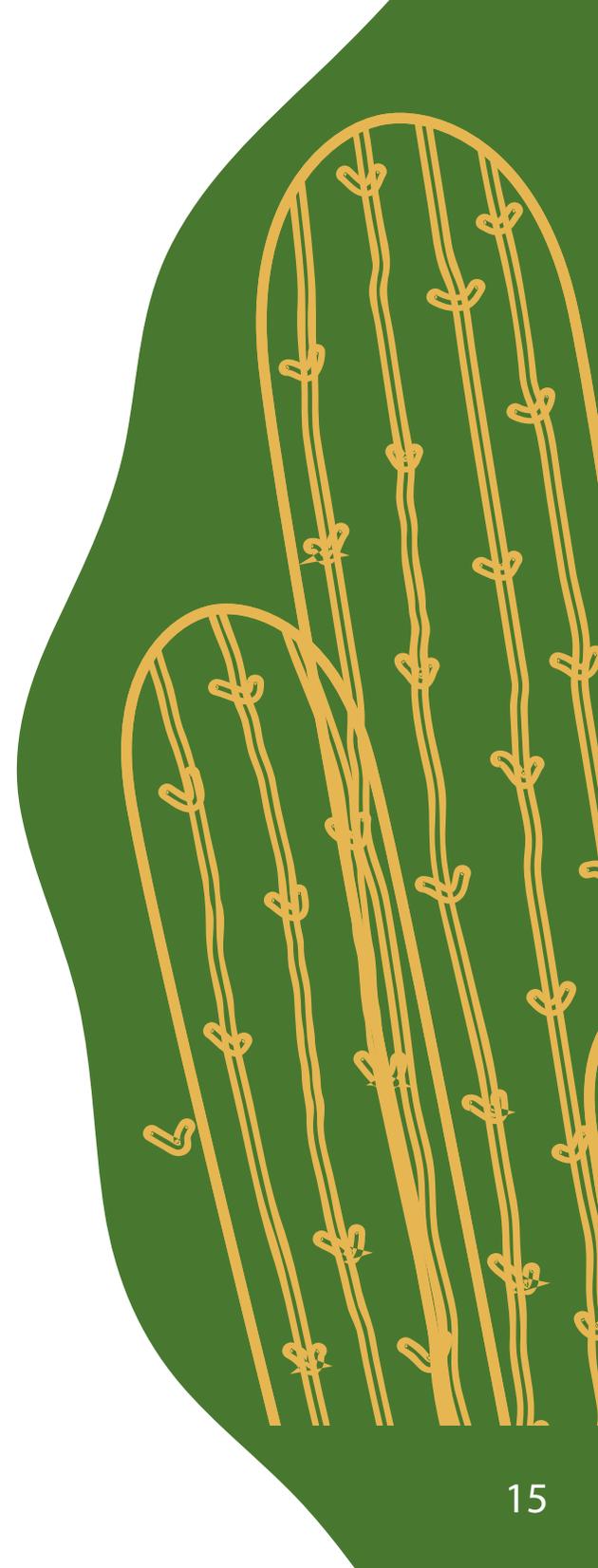


Os Territórios: Borborema e Cariri Oriental na Paraíba

No semiárido brasileiro é possível evidenciar práticas inovadoras realizadas pelas famílias de agricultores e agricultoras na busca de sua reprodução socioeconômica, da valorização das paisagens rurais, como da preservação de seus valores culturais. A partir dos ativos territoriais disponíveis, como a natureza, a cultura, os saberes tradicionais, as bases organizativas, entre outros, as famílias desenvolvem atividades que lhes permitem, além de melhorar seus ingressos, valorizar suas riquezas culturais, destacar a importância dos espaços rurais e, ainda, oferecer aos jovens possibilidades para ficarem em seus locais de moradia. São essas novas atividades, dentre as quais destacam-se o turismo rural e seus temas correlatos, as que caracterizam os territórios multifuncionais¹ construídos pela coordenação entre agricultores, agricultoras, poder público, empresas, organizações de assessoria e outros diversos atores. Trata-se de potencializar os bens e serviços do território para mudar a realidade das populações rurais oferecendo alternativas para sua inclusão social e econômica.

As comunidades dos territórios de Borborema e do Cariri Oriental estabelecem parcerias para unir atividades que lhes permitam fortalecer uma estratégia de turismo rural. Para isto, oferecem diversos tipos de serviços, sendo um deles, o seu próprio conhecimento. Os talentos locais ensinam seu saber fazer e, à vez, promovem o mercado de seus produtos.

¹ Cazella, A.; Bonnal, P.; Maluf, R. Multifuncionalidade da Agricultura Familiar no Brasil e o enfoque da pesquisa. In: Cazella, A.; Bonnal, P.; Maluf, R. Agricultura familiar, multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.



O Território da Borborema abrange uma área de 3.341,70 km² e é composto por 21 municípios, dentre os quais se encontram o município de Areia onde foram identificadas duas experiências bem-sucedidas: Projeto Flores Vila Real e Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim (ADESCO). A maioria dos municípios estão separados por uma distância que varia entre 10 e 20 km. O território caracteriza-se ainda pela marcante heterogeneidade dos seus recursos naturais e suas atividades agrícolas, as quais sempre tiveram importância para a circulação de bens e pessoas.

O Território do Cariri Oriental possui 14 municípios que juntos ocupam uma área de 8.214 km². É neste território que estão localizados os municípios de Boqueirão e Cabaceiras, nos quais foram identificadas e visitadas três organizações que desenvolvem atividades vinculadas ao turismo rural. São estas: Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro da Ribeira (ARTEZA), Crocheteiras do Marinho e Condutores Turístico do Lajedo do Marinho. Como no Território da Borborema, aqui, no Território do Cariri Oriental, os municípios são separados por pequenas distâncias. Diferente do primeiro território, o Cariri Oriental vai se caracterizar pela baixa pluviometria e a produção em grande escala de ovinos e caprinos.

Os desafios enfrentados por estes dois territórios estão ligados aos problemas de variabilidade dos mercados agropecuários, fraqueza do mercado de trabalho em zona urbana e a pressão fundiária pela proximidade entre o campo e a cidade. Estes problemas concorrem com a manutenção da pobreza, do êxodo rural e da concentração urbana.

Esses são os desafios que estas comunidades visam superar e para os quais desenvolvem alternativas como as que serão descritas ao longo deste documento, mas, antes disso, é importante fazer uma breve aproximação à noção de Turismo Rural que norteia as reflexões sobre o grau de associação que as práticas visitadas nos Territórios de Borborema e Cariri Oriental têm ao turismo, suas potencialidades e desafios.

O Turismo Rural

Apesar de que a discussão sobre a ruralidade foi retomada quase duas décadas atrás, ainda é possível encontrar posicionamentos convencionais sobre o rural que levam a percebê-lo como resíduo do urbano e vinculado exclusivamente a atividades agrícolas. Afortunadamente, em outros segmentos da sociedade, tais discussões têm colhido seus frutos, resgatando os mundos rurais de sua condição de marginalidade e posicionando-os como lugares diversos, de produção, mas também lugares de “vida e moradia”². De igual forma, constitui essa ruralidade a relação rural – urbano, onde esses espaços, embora diferentes, complementam-se e apresentam-se como uma grande potencialidade para o desenvolvimento territorial com a diversificação das economias locais.

Nas sociedades contemporâneas a interação do rural com as cidades é cada vez mais fácil e fluida abrindo possibilidades para a prestação de serviços, desenvolvimento de atividades econômicas, como o turismo rural, e favorecendo a pluriatividade das famílias rurais. É possível desta maneira criar relações de colaboração e complementaridade entre estes dois meios para que, de um lado, a população rural tenha acesso aos benefícios das cidades e, estas últimas, aproveitem os ativos materiais e imateriais do campo representados tanto pela produção agrícola, como pela paisagem, ar, água, cultura e tradições. Desta forma, na relação entre rural-urbano se configuram ganhos para estas duas realidades diferentes, mas complementares.

*Afortunadamente,
em outros segmentos
da sociedade, tais
discussões têm colhido
seus frutos, resgatando
os mundos rurais
de sua condição de
marginalidade e
posicionando-os como
lugares diversos, de
produção, mas também
lugares de “vida e
moradia”²*

² Wanderly, N; Favareto, A. A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In: Miranda, C; Silva, H. Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras. Brasília: IICA, 2013.

Falar de Turismo Rural e sua definição não é um empreendimento fácil. Na literatura disponível, seja aquela dos anos noventa ou a mais recentemente publicada, os autores remetem-se à complexidade que significa falar de uma atividade econômica que junta dois conceitos, à sua vez, complexos como são o “Turismo” e o “Rural”.

No Brasil do final dos anos oitenta, surgem as primeiras iniciativas de Turismo Rural para diversificação das fontes de renda das populações rurais, iniciativas fortalecidas, de igual forma, pelo interesse crescente das sociedades nos assuntos ambientais³. Falar de Turismo Rural e sua definição não é um empreendimento fácil. Na literatura disponível, seja aquela dos anos noventa ou a mais recentemente publicada, os autores remetem-se à complexidade que significa falar de uma atividade econômica que junta dois conceitos, à sua vez, complexos como são o “Turismo” e o “Rural”. Em 1998 Graziano da Silva e colaboradores⁴, no marco do projeto RurUrbano, escreveram um artigo que faz uma detalhada revisão bibliográfica sobre o turismo rural e suas diferentes acepções. Esse texto, que poderia se considerar emblemático pelos trabalhos que na época se desenvolviam visando a caracterização do novo rural brasileiro, alerta sobre a necessidade de diferenciar Turismo nos espaços Rurais de Turismo Rural.

O primeiro caso, mais abrangente, refere-se, como seu nome o indica, a totalidade de atividades turísticas que se desenvolvem nas áreas rurais. O meio rural serve como uma “base física” para o desenvolvimento dessas atividades que englobam, não só as relacionadas com as propriedades rurais, mas aquelas vinculadas a atividades de lazer, turismo ecológico, turismo verde, turismo de saúde, SPA, entre outras. São atividades localizadas “desde o ponto de vista estritamente geográfico nas áreas rurais” e, às vezes, chegam a constituir-se “num mundo à parte e às vezes, num verdadeiro enclave”⁵.

O conceito de “Turismo Rural” foi a lente utilizada para analisar as atividades produtivas visitadas nos territórios de Borborema e Cariri Oriental, junto com os princípios que orientam o Turismo Rural Comunitário (TRC). Ao falar de Turismo

3 Marques, F. Turismo rural como alternativa à desigualdade no campo: uma análise do projeto Colha e Pague na produção de morangos em Brazlândia/DF. Trabalho de Conclusão do Curso em Gestão de Agronegócios. Universidade de Brasília, 2019.

4 Silva, J.G. da; Vilarinho, C; Dale, P. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. CADERNO CRH, Salvador, n. 28, p. 113-155, jan./jun. 1998.

5 Idem, p. 119.

Rural está se referindo às atividades onde são resgatadas as especificidades dos modos de vida rurais abrangendo o meio em que estão inseridas, suas práticas, sua economia, suas formas organizativas e sua cultura. Esta definição pode ser qualificada sob a lente do TRC, onde as dimensões humana e cultural são cruciais para incentivar o “diálogo entre iguais e os encontros interculturais entre visitantes e visitados, na perspectiva de se conhecer e de se aprender com os modos de vida locais”⁶. São alternativas ao turismo de massa que se estruturam a partir da base cultural e política enraizada localmente, cuja premissa central é a “base endógena em planejamento e o desenvolvimento do turismo”⁷.

*“A endogeneidade outra coisa não é senão a
faculdade que possui uma comunidade humana
de ordenar o processo acumulativo em função de
prioridades por ela mesma definidas”*

*Cultura e desenvolvimento em época de crise,
Celso Furtado, 1984*

Uma característica relevante nas experiências de TRC é o envolvimento dos atores locais na identificação, de forma coletiva, de soluções a problemas comuns⁸. A institucionalização destas práticas por meio da conformação de associações e cooperativas parece ser um indicador de sucesso. Concordando com Moraes et al (2018) no limitado que resulta definir o escopo destas práticas de turismo à conformação de cadeias de valor por parte dessas associações, há uma forte tendência a que o TRC seja desenvolvido a partir de arranjos produtivos locais onde os visitantes são consumidores de produtos e serviços⁹.

O conceito de “Turismo Rural” foi a lente utilizada para analisar as atividades produtivas visitadas nos territórios de Borborema e Cariri Oriental, junto com os princípios que orientam o Turismo Rural Comunitário (TRC). Ao falar de Turismo Rural está se referindo às atividades onde são resgatadas as especificidades dos modos de vida rurais abrangendo o meio em que estão inseridas, suas práticas, sua economia, suas formas organizativas e sua cultura.

6 Moraes, E. Irving, M; Mendonça, T. Turismo de base comunitária em América Latina: uma estratégia em rede. Revista Tur, Visão e Ação, Vol. 20 – n. 2 – mai./ago. 2018

7 Idem (p. 252)

8 Idem

9 Idem



Atividades do tipo colha e pague, pesque e pague, participação dos processos de agroindustrialização, da produção, do artesanato, restaurante com comida típica, podem ser caracterizadas como turismo rural. Elas são atividades internas à propriedade, complementares às atividades agrícolas e fazem parte do dia a dia da propriedade rural¹⁰. Souza e Dolci (2019), citando um artigo de Zimmermann de 1998, resgatam os princípios que regem o turismo rural: “o atendimento familiar, a preservação das raízes, a harmonia e sustentabilidade ambiental, a autenticidade de identidade, a qualidade do produto e o envolvimento da comunidade local”¹¹.

A definição acunhada pelo Ministério do Turismo para Turismo Rural é bastante ampla, mas está de acordo com o que foi discutido até aqui: “conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (p.30)¹². As atividades desenvolvidas podem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços e bens não materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.) a partir do “tempo livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão de obra externa¹³ (p.148).

10 Campanhola, C.; SILVA, J.G. da. O agroturismo como nova renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: Almeida, J.; Riedl, M. (Org.). Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p. 145-179.

11 Souza, M.; Dolci T. (Org.) Turismo Rural: fundamentos e reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

12 Brasil. Ministério do Turismo. Turismo Rural: orientações básicas. 2. Ed. Brasília, 2010; Brasil. Ministério do Turismo. Ações de Gestão de Conhecimento para aprimoramento da política nacional de turismo: Arcabouço e Diretrizes. Brasília, 2014.

13 Campanhola, C.; SILVA, J.G. da. O agroturismo como nova renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: Almeida, J.; Riedl, M. (Org.). Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p. 145-179.

Há outros atributos do turismo rural definidos por Sznajder, Przezbórska e Scrimgeour (2009)¹⁴ que, embora Souza e Dolci, os identifiquem mais próximos do turismo convencional, são importantes pelo peso que lhe outorgam à troca de conhecimentos. De um lado, o turismo rural, além de propiciar descanso, facilita aos turistas se aproximarem às formas de vida das comunidades a partir das quais adquirem novos conhecimentos e aprendem de experiências práticas. Esta atividade, se bem desenvolvida, facilita ao visitante aprender sobre a vida das pessoas no meio rural, sua cultura e seus costumes (p.25). De outro lado e de maneira complementar o Turismo Rural apresenta a possibilidade de “satisfazer necessidades emocionais a partir do contato direto com a natureza, como também pelo gosto de vivenciar o rural idílico associado a atmosfera de rusticidade, o silêncio, os sons e ou mesmo os aromas do meio rural” (p.25).

Outra dimensão relevante ao analisar as práticas de turismo rural, para os casos descritos neste trabalho, é o benefício econômico (rendimentos) recebido pelas comunidades rurais ou pelos agricultores. O turismo rural comunitário, embora se fundamente no reconhecimento de características socioculturais singulares e dos ativos naturais dos territórios, sua beleza e preservação, do outro lado é fortemente motivado na busca de rendas complementares às geradas pelas atividades agrícolas em declínio.

Tendo como ponto de referência o que foi exposto acima, e a partir destas perspectivas, analisaremos o turismo rural como uma forma de diversificação das economias locais, de resgate de ativos socioculturais e naturais, de acesso a novos mercados a partir dos ativos materiais e imateriais dos Territórios de Borborema e Cariri Oriental na Paraíba e de gestão, por parte de associações ou cooperativas, que trabalham em cadeias de valor como forma de se associar ao turismo.

De um lado, o turismo rural, além de propiciar descanso, facilita aos turistas se aproximarem às formas de vida das comunidades a partir das quais adquirem novos conhecimentos e aprendem de experiências práticas.

14 Sznajder, Przezbórska e Scrimgeour (2009), citados por Souza, M.; Dolci T. (Org.) Turismo Rural: fundamentos e reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.



O Intercâmbio



Figura 1 – Participantes do Intercâmbio.

Foto: PROCASE (2019).

A ideia central do intercâmbio foi propiciar um ambiente para a troca de conhecimentos e experiências sobre empreendimentos que desenvolvem um trabalho de cadeia de valor associado, em maior ou menor grau, ao turismo. Durante o intercâmbio cinco empreendimentos foram visitados. No Território da Borborema, no município de Areia foram realizadas duas visitas: a primeira no Projeto Flores Vila Real e a segunda Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim – ADESCO. Nos municípios de Boqueirão e Cabaceiras foram visitadas respectivamente as seguintes experiências: Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro da Ribeira – ARTEZA em Cabaceiras; Comunidade Crocheteiras do Marinho e Condutores do Lajedo do Marinho; Associação de Lideranças e Organizações de Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri Paraibano – CASACO.

O intercâmbio foi norteador por um roteiro previamente estabelecido com as seguintes etapas: Recepção e integração dos participantes do intercâmbio; apresentação e caracterização das experiências a serem visitadas; realização das visitas e, por último, a roda de conversa ao final de cada visita para tratar sobre as experiências visitadas.



Figura 2 – Etapas do intercâmbio

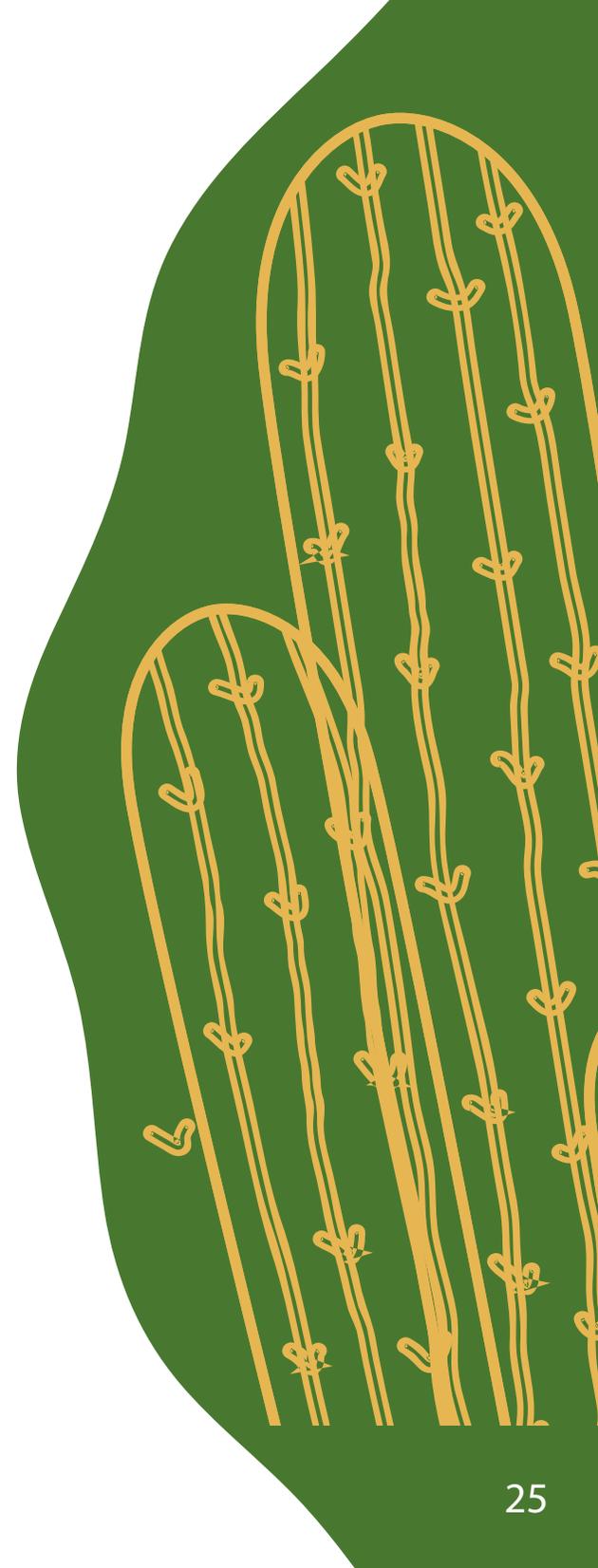
Conforme vimos na figura acima, o intercâmbio teve o seguinte percurso: no primeiro, após chegada de todos os participantes foi proporcionado um momento de integração de todos, com a realização de uma refeição coletiva e uma roda de conversa informal em torno de uma fogueira com o intuito de criar um bom ambiente de trabalho.

No dia seguinte, no auditório da Universidade Federal da Paraíba, no Campus de Areia, com a presença de autoridades e parceiros, foi apresentada a programação e os objetivos do intercâmbio. Terminada a reunião foi dado prosseguimento às visitas.

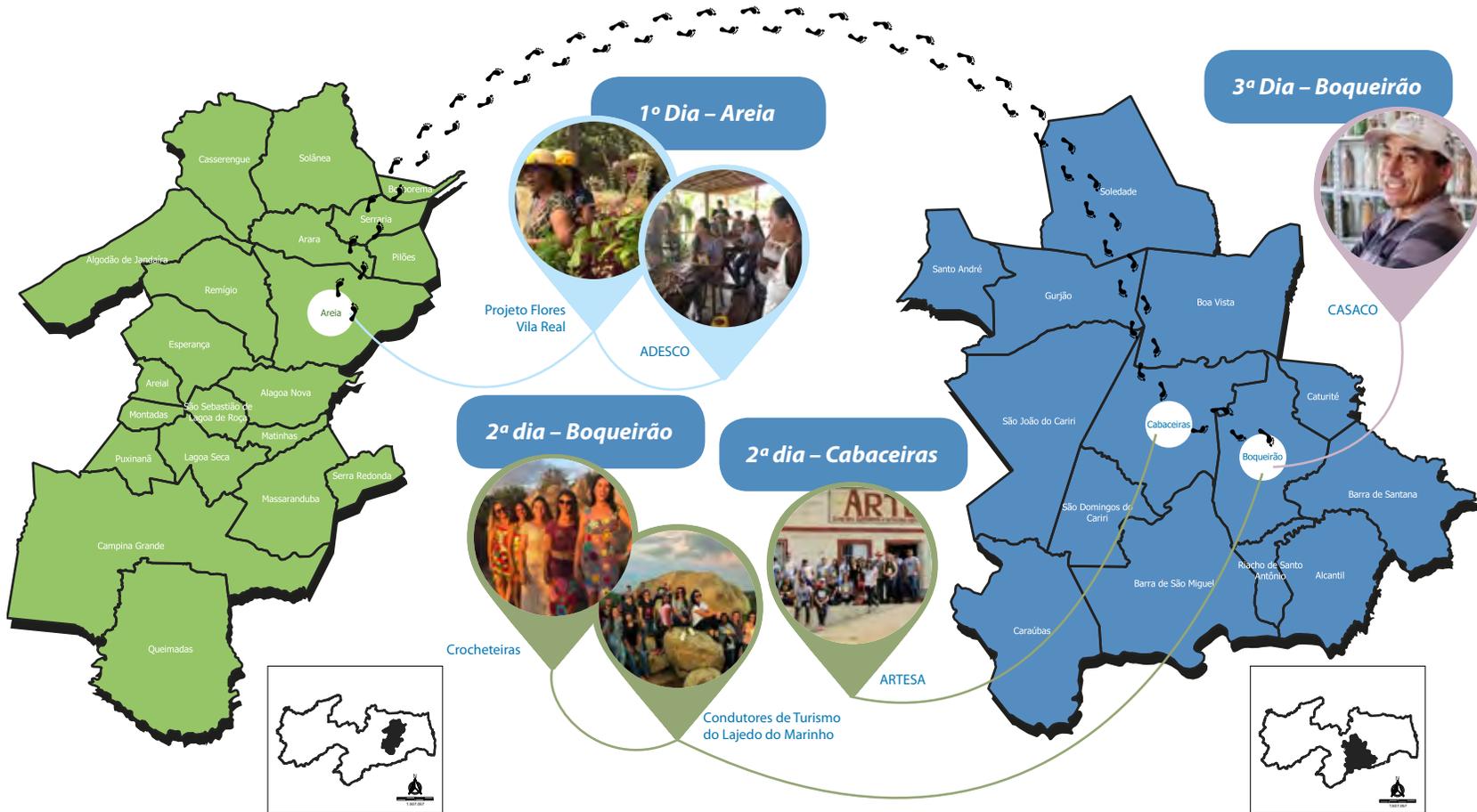
No primeiro dia, no município de Areia, foram realizadas duas visitas, respectivamente: a Associação de Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas (Projeto Flores Vila Real) e a Associação para o desenvolvimento sustentável da comunidade Chã do Jardim (ADESCO). No segundo dia foram visitadas as experiências da Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro de Ribeira de Cabaceiras (Arteza), e a Associação dos Condutores Turísticos e das Crocheteiras da Comunidade do Lajedo do Marinho. No terceiro dia, no município de Boqueirão, visitamos a experiência da Associação de Lideranças, Associações, Agricultores e Agriculturas Familiares do Cariri Paraibano (CASACO). Por fim, foi realizada uma visita institucional, conduzida pelo prefeito e outras autoridades da cidade de Cabaceiras, onde tivemos a oportunidade de participar da abertura da Festa do Bode Rei.

Ao final do intercâmbio foi possível confirmar a importância das experiências lideradas por agricultores e agricultoras, produtores e produtoras rurais, principalmente jovens, para fortalecer os processos de convivência com o semiárido.

O grupo do intercâmbio percorreu 691 Km, saindo de João Pessoa até chegar a Boqueirão. Na figura abaixo, é possível localizar as experiências no mapa, bem como o percurso realizado.



INTERCÂMBIO NOVOS OLHARES DO SEMIÁRIDO: EXPERIÊNCIAS DE TURISMO RURAL NA PARAÍBA



Em seguida apresentaremos as experiências visitadas as quais foram agrupadas pelos territórios de Borborema e Cariri Oriental, agrupação que coincide com o grau de vinculação das cadeias produtivas a processos de turismo rural. Durante os cinco dias de intercâmbio foi possível conhecer a história de um conjunto de empreendimentos que, graças à tenacidade das produtoras e produtores vinculados a eles – em sua maioria jovens, conseguiram estruturar atividades econômicas cuja perspectiva é amenizar situações de fragilidade econômica e social das comunidades envolvidas. Com a perspectiva do turismo rural enquanto alternativa de desenvolvimento sustentável para os territórios do semiárido paraibano, estas iniciativas têm facilitado a mobilização de recursos, a articulação de parceiros e promovido a organização social. Em maior ou menor grau cada um dos cinco empreendimentos apresenta características que facilitam sua inserção numa ação mais estruturada, e de longo alcance, de turismo rural. As duas primeiras experiências, pelo tempo em desenvolvimento e a vinculação a ações turísticas como a Rota Cultural Caminhos do Frio e a Festa das Flores, podem ser apresentadas como empreendimentos com um grau maior de inserção em ações de turismo rural de base comunitária. As três experiências visitadas no Cariri Oriental, são inovações produtivas e organizativas que buscam se configurar como empreendimentos turísticos que, além da diversidade de atividades econômicas, saberes, riquezas naturais, incluem outro tipo de infraestrutura, bens e serviços.

Vamos conhecer em detalhe cada um dos empreendimentos...





Começando a Trilha...

Projeto Flores Vila Real

O Projeto Flores Vila Real da Associação de Desenvolvimento de Macacos e Furnas ADESMAF (Grupo de Mulheres Produtoras de Flores) recebe, mais ou menos, quatro visitas por mês. Este empreendimento começou graças à iniciativa de um grupo de jovens que decidem fazer da produção de flores sua principal atividade econômica. Atualmente o Grupo está tentando ampliar o leque de produtos derivados das flores, a exemplo do plantio de pimentas, gastronomia, sobretudo, confeitaria, chás feito com flores, flores comestíveis para incorporar aos circuitos turísticos que têm como base a visita à produção, venda e degustação dos produtos, bem como a realização de oficinas sobre o plantio e cuidado com as flores. Nessas oficinas os visitantes aprendem a produzir mudas, conhecem as estufas de produção, formas de cultivo e armazenamento para, por fim, terem a opção de comprar diversas variedades de flores. Os recursos da associação provém da taxa paga pelos visitantes, bem como pela venda das flores, seja no próprio local ou as vendas que são feitas em outros pontos de mercado.

A seguir vamos contar resumidamente a história da ADESMAF:



Localiza-se no município de Areia. Inserido no Território da Borborema, o município de Areia ocupa uma área de 266,569 km² e uma população de pouco mais de 23.000 habitantes. Sua história está marcada pelos engenhos, pelos seus ativos naturais e pelo fluxo de turistas. Também conhecida por suas riquezas culturais, particularmente o Museu de Pedro Américo e o Museu da Rapadura, localizado dentro do Campus da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, onde o turista pode observar as várias etapas da fabricação dessa iguaria e dos outros derivados da cana-de-açúcar, como a cachaça e a rapadura de alta qualidade.



Figura 3 – Projeto Flores Vila Real – Areia – PB.

Fotos: PROCASE (2019)

No ano de 2004, sete jovens da comunidade Tapuio do município de Areia, após concluírem o ensino médio, começaram a discutir sobre a permanência e a geração de emprego e renda. As reuniões eram realizadas em baixo de árvores, onde cada um dava a sua opinião. É neste momento que surge a ideia organizar-se em torno de uma associação. Assim, em 2005, com treze membros é registrada a Associação de Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas (ADESMAF). Entre as várias ideias, eles resolvem trabalhar com a produção de flores com o intuito de incrementar a renda da família e diminuir o êxodo rural.

...nessa época a gente não sabia mais o que fazer, a gente já tinha feito tudo... Estava todo mundo indo embora. Foi aí que a gente começou a plantar as flores e coisa foi mudando. Foi aí que a gente criou a associação (Dona Maria, Presidente da Associação)

Ainda em 2005, a Secretaria de Municipal de Agricultura de Areia levou até a comunidade o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) para conhecer a produção de flores da comunidade. Neste mesmo ano, com o apoio do SEBRAE, oito mulheres participaram da ExporBrasil em Fortaleza, onde tiveram a oportunidade de conhecer vários tipos e formas de produzir flores. Na bagagem trouxeram cinco mudas de cravinas ornamentais e comestíveis, que ao chegar na comunidade foram multiplicadas para 60 mudas. De posse dessas mudas, elas conseguem R\$ 300,00 reais com a prefeitura e constroem a primeira estufa artesanal.

A partir de 2006, a constituição de parcerias foi fundamental para o desenvolvimento do projeto. Inicialmente contaram com o apoio da prefeitura municipal e do SEBRAE e passaram a vender as flores na feira livre da cidade de Areia. Neste momento decidiram não gastar o dinheiro e investir em mais

mudas e na compra de vasos, decisão que provocou tensão entre associados que queriam receber os lucros e terminaram se afastando, e os que entenderam que era momento de investir.

A partir do salão do artesanato passaram a vender as flores em um shopping da capital.

Ainda em 2009, a produção de Lisianto muda a história da associação, pois esta variedade adaptou-se muito bem ao clima e favoreceu a ampliação das vendas.

Ainda em 2006, seis associadas realizaram estágio remunerado, durante quatro meses, na Universidade Federal de Paraíba (UFPB). Neste período elas estagiaram nas estufas de flores. No ano seguinte (2007) a associação foi contemplada por um projeto do CNPq que dentre os objetivos tinha a construção de duas estufas artesanais. Esse projeto possibilitou a ampliação da produção de flores da associação. Com a ampliação da produção e entrada de recursos, as associadas investiram na compra de vasos e novas sementes.

Em 2008, alguns membros da associação com o apoio da prefeitura de Areia e do SEBRAE, participam da principal feira e exposição de flores do Brasil em Holambra no Estado de São Paulo. Lá elas conheceram uma variedade ampla de flores, e tiveram a oportunidade de adquirir e receber doações de sementes e mudas de flores, a exemplo das cactáceas e suculentas, as quais passam a ser produzidas e vendidas pela associação no mesmo ano.

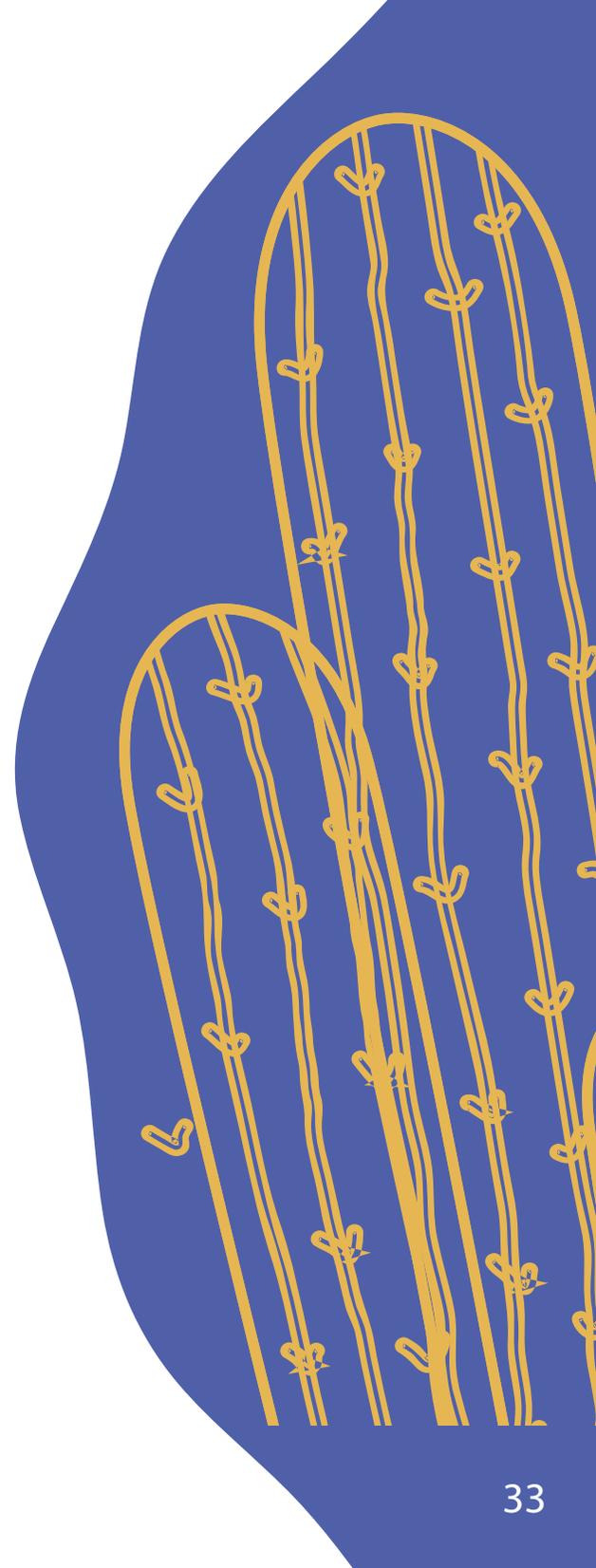
No ano seguinte (2009), participam do salão paraibano do artesanato. Este momento é importante porque possibilitou dar mais visibilidade às flores produzidas por elas, ampliando as vendas e os mercados. A partir do salão do artesanato passaram a vender as flores em um shopping da capital. Ainda em 2009, a produção de Lisianto muda a história da associação, pois esta variedade de flor adapta-se muito bem ao clima, favorecendo a ampliação das vendas. Neste mesmo ano, Dona Maria começa a fazer o curso técnico em agropecuária e sua irmã é a primeira associada a entrar no curso superior de agronomia. Em 2012, Dona Maria segue os passos de sua irmã e também começa a fazer agronomia na UFPB no campus de Areia.

Para elas, a tomada da decisão em 2005 de não gastar o dinheiro foi providencial e durou até 2009. Segundo elas, neste período era gasto apenas o essencial, sendo essa decisão fundamental para a existência da associação. Sobre este momento relatou Dona Maria:

...Não foi fácil. Trabalhar, se dedicar, ser chamada de doida, desocupada. Ver o dinheiro entrar e não poder gastar com a nossa família. Não foi fácil. Muita gente desistiu porque não entendeu. Mas hoje quem ficou viu que o que a gente fez foi certo. (Dona Maria, Presidente da ADEMASF).

Em 2010, após visita realizada pelo Embaixador da Holanda e sua esposa na associação, elas apresentaram a flor Lisianto ao casal e um projeto de ampliação das estufas. Esta visita foi articulada por um professor da UFPB, que após apresentar a universidade levou o casal para conhecer o projeto. No mesmo ano a associação foi contemplada com o repasse de R\$ 58.000,00 mil reais feitos pela Embaixada Holandesa. Com os recursos elas construíram quatro estufas e compraram vasos e mudas. A contrapartida foi a produção de sete mil mudas a serem doadas a comunidades, bem como a realização de quatro cursos em parceria com a UFPB.

Em 2012-2013 a associação foi contemplada pelo edital submetido ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o SEBRAE, em parceria com o governo do estado através do projeto COOPERAR e conseguiram recursos para comprar as telas das estufas e um caminhão para escoar a produção da associação. No auge da produção em 2013 elas chegaram a produzir 5.000 mudas por mês, gerando uma renda total de cerca de R\$ 12.000,00.



Estas mudas são vendidas nas feiras livres de Areia, Remígio, Esperança e Alagoa Grande. Estas cidades compõem a Rota Cultural Caminhos do Frio, que é um circuito de festas onde são apresentadas as potencialidades dos municípios com destaque para o artesanato e gastronomia.

Outro importante mercado destacado por elas é o salão do artesanato que acontece duas vezes por ano, o primeiro acontece entre janeiro e fevereiro na capital João Pessoa e o segundo em junho, durante as festas juninas na cidade de Campina Grande, eventos que duram, em média, cerca de 30 dias. Para elas, estes eventos são importantes porque tanto eles vedem como fazem a divulgação de seus produtos. Recentemente, ADEMASF, junto com a Prefeitura Municipal de Areia, criaram o “Festival das Flores de Areia” que já está na sua segunda edição, e vem contribuindo para dar mais visibilidade a essa produção. Para a associação, o projeto “Uma Rosa na Janela” que a Prefeitura Municipal de Areia vem executando desde 2017, contribuiu significativamente com a visibilização da produção de flores. Segundo as integrantes da associação, à época do lançamento do projeto elas venderam mais de 2.000 vasos de flores.

Conforme vimos acima, ao longo dos anos, essa experiência destacou-se pelo fortalecimento de organizações comunitárias e de lideranças locais de jovens, o protagonismo feminino e a adoção de práticas de proteção ambiental agroecológicas. Esta base social favoreceu a implementação de práticas de turismo rural, iniciando com a recepção do visitante para compartilhar os conhecimentos na área de produção de flores e seus derivados, bem como a venda destes produtos no mercado regional (feiras livres de Areia, Remígio, Esperança e Alagoa Grande).

A gestão coletiva permitiu a formação de uma rede de parceiros (Prefeitura Municipal de Areia, EMATER, Banco do Nordeste, UFPB, SEBRAE, Embaixada Holandesa, Governo do Estado) facilitando a troca de informações e conhecimento de novas tecnologias para melhorar e ampliar a produção e venda das flores e seus derivados. Essas parcerias também foram importantes para qualificar o processo de produção das flores, a exemplo dos experimentos que vêm desenvolvendo em conjunto com a UFPB para produzir uma flor com características regionais. De outro lado, o SEBRAE foi fundamental no processo de qualificação do processo de venda e *marketing* dos produtos.



Dona Maria (Presidente da Associação) relata que a partir da ampliação dos mercados e das vendas, a melhoria de vida das famílias envolvidas e da própria comunidade melhorou muito.

...antes era muito difícil, quando a gente crescia, a única alternativa era ser empregada nas casas na rua ou ir embora. Depois das flores, tudo mudou por aqui. É só você olhar. Dá para ver. Não temos muito. Mas somos felizes. Hoje, tem gente plantando flor em casa, com horta, fazendo artesanato, revendendo as flores, fazendo comida, servindo almoço. Tudo depois das flores (Dona Maria, Presidente da ADEMASF).



Figura 4 – Dona Maria apresentando a variedade de Flores para o grupo de jovens intercambistas dos projetos FIDA.

Fonte: PROCASE (2019)

Parcerias

Conforme resumido no quadro nº 1, para o bom desenvolvimento deste projeto houve algumas parcerias fundamentais:

Experiência: Associação de Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas (ADESMAF). Areia – PB		
Parceiro	Data	Contribuição
Prefeitura Municipal de Areia	2005	Apoio financeiro e logístico. Construção de parceria com o SEBRAE. Criação da festa das flores.
SEBRAE	2005	Consultoria técnica, realização de cursos e capacitações. Viabilidade de intercâmbio e visitas de conhecimentos. Capacitação em produção e venda. Inserção da associação em feiras e eventos.
UFPB	2006	Apoio técnico e científico. Realização de cursos e estágios. Fortalecimento da infraestrutura.
Governo da Paraíba EMATER/EMPAER, COOPERAR, EMPREENDER, PROCASE	2009	Apoio técnico, financeiro, infraestrutura. Apoio logístico no salão do artesanato. Aquisição de equipamentos e veículo.
Embaixada da Holanda	2010	Apoio financeiro. Socialização da produção e viabilização de cursos.



*Figura 5 – Apresentação da variedade flores na estufa.
Fonte: PROCASE (2019)*



Atualmente, a Associação conta com o apoio técnico do Governo do Estado através do PROCASE.

As mudanças na ADEMASF

As ações desenvolvidas pelas parcerias (Prefeitura Municipal de Areia, SEBRAE, UFPB, Governo do Estado) estabelecidas pela associação geraram mudanças na comunidade a partir do momento que inserem a produção de flores como uma nova atividade econômica. Incrementa-se a renda da família, alterando a organização da comunidade a partir da constituição da associação. A iniciativa das mulheres potencializou o empreendedorismo e o protagonismo feminino.

A gestão liderada pelas mulheres foi o caminho adotado para transformar a realidade local, que tinha como característica a fragilidade econômica e o êxodo rural.

...quando a gente terminou o ensino médio, não tinha mais o que fazer.... a gente era muito pobre. Ou a gente ficava e aceitava, ou ia embora ver se conseguia alguma coisa fora... mas a gente queria ficar, foi aí que a gente resolveu produzir flores. Só que a gente não sabia fazer nada... nesse momento o pessoal da prefeitura, do Sebrae e da universidade foi muito importante. Mudou tudo quando a gente tomou essa decisão (Dona Maria, Presidente da ADESMAF).

No entanto, junto com as mudanças vieram algumas dificuldades, segundo Dona Maria, a principal delas foi o pouco conhecimento das técnicas de produção de flores.

....a gente queria fazer alguma coisa só não sabia o que... foi aí que a gente começou a perceber que em toda casa tinha flores... se tinha em toda casa, era porque as pessoas gostavam... foi assim que decidimos..(Dona Maria, Presidente da ADEMASF)

A decisão de produzir flores foi embasada nos gostos pessoais das mulheres da associação, e em modelos produtivos externos (a região é conhecida como grande produtora de flores), mas sem uma análise de viabilidade ou mesmo de competências produtivas e disponibilidade de terra para o plantio.

Existia a vontade, porém não tinham o conhecimento técnico necessário, nem acesso à informação básica de produção, mercado e gestão da organização, como a disponibilidade do ativo terra, o que dificultou, inicialmente, o fortalecimento da associação.



Porém, com os anos decorridos estas dificuldades foram sendo amenizadas, principalmente com o apoio dos parceiros que facilitaram o acesso a um terreno em comodato, as técnicas de plantio e produção com a entrada de algumas das jovens, inclusive a Dona Maria em um projeto de extensão do curso de agronomia da Universidade Federal da Paraíba. Posteriormente, algumas destas jovens ingressaram como graduandas do curso de Agronomia.

Outra ação, destacada por elas, que contribuiu para mudar de forma significativa o escoamento da produção e ampliação do mercado para as flores produzidas pela associação, foi a aprovação de um projeto submetido ao governo do estado através do projeto COOPERAR, o qual tinha como objetivo central a compra de um veículo para transportar as flores, bem como para aquisição de telas para ampliar as estufas.



As flores e os turistas

As estufas passaram a fazer parte do circuito dos turistas que visitam o projeto, permitindo-lhes conhecer a produção, vivenciar algumas técnicas produtivas em oficinas de produção de mudas e comprar diretamente da produtora, encurtando assim as cadeias produtivas. Hoje o projeto conta mais de 101 espécies de plantas, algumas delas sendo de produção exclusiva e modificada geneticamente.

O envolvimento principal no Projeto Vila Real continua sendo majoritariamente das mulheres da associação com incipiente participação de outros membros da família. Além do Projeto Vila Real existem pequenas áreas produtivas individuais nas propriedades das associadas onde é possível verificar, de maneira incipiente, a produção de flores e mudas.

Esta iniciativa é uma experiência que se destaca pelas ações voltadas ao fortalecimento comunitário quando possibilita a constituição de uma associação, inicialmente composta de jovens mulheres, para tratar de forma coletiva problemas que atingiam à comunidade, a exemplo do êxodo rural e a baixa geração de renda. Quando contribui para a formação de novas lideranças e do protagonismo feminino, pela adoção de práticas produtivas (produção de flores) voltadas para a preservação ambiental, principalmente quando se preocupam com a não utilização de agrotóxicos em sua produção e com o uso consciente da água. Inovam quando adotam ações voltadas ao turismo rural, quando criam um ponto dentro do circuito que recebe o turista, mostra e vende o seu produto (flores e seus derivados). Além disso, esta experiência tem contribuído para que outras famílias se insiram no circuito produzindo refeições típicas da região e artesanato.

Hoje o projeto conta mais de 101 espécies de plantas, algumas delas sendo de produção exclusiva e modificada geneticamente.

Para esta experiência avançar e se consolidar como um ponto estratégico no circuito dos turistas, se faz necessário resolver aspectos internos da associação que geram incertezas. Por exemplo, o tipo de contrato para uso do terreno onde opera a Associação e a baixa vinculação de alguns integrantes na gestão da mesma. De outro lado, há fatores de natureza climática que preocupam à comunidade em geral e atingem fortemente a produção de flores, mas, conforme a Dona Maria, ainda não estão sendo discutidos com a urgência que merecem. Por fim, vale mencionar que a Associação reconhece que, embora as parcerias foram e continuam sendo estratégicas para configurar o que é a Associação hoje, se faz necessário diminuir o grau de dependência externa. Entre os desafios estão o melhoramento da gestão interna da associação com uma maior participação de seus integrantes e a busca de aliados que se somem ao negócio para fortalecer a atividade de Turismo Rural.



Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim – ADESCO

Assim como a experiência anterior, a participação dos jovens, sua capacidade de iniciativa e entusiasmo, marca o início de um projeto que progressivamente foi diversificando suas práticas produtivas e somando ao empreendimento um conjunto de serviços.

A Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Chã de Jardim – ADESCO tem como base as ações que, desde 1996, eram realizadas por um grupo de jovens vinculados à igreja católica na comunidade Chão do Jardim.

Desde essa época começam a se articular ideais e sonhos para chegar a ser o que hoje se conhece como o Restaurante Rural Vó Maria, em volta do qual se instituíram outras atividades econômicas que formam um roteiro de turismo rural. É assim que, quem visita a Comunidade, pode se alimentar em um restaurante de comida típica da região (restaurante rural Vó Maria), cuja matéria prima é produzida pelos agricultores e agricultoras familiares agroecológicos da comunidade. Junto com uma boa refeição o turista pode conhecer a linha de produção de polpa com frutas da época, também fornecidas por agricultores e agricultoras familiares. Além disso, podem participar de trilhas e piqueniques na reserva ambiental Pau Ferro, junto com atividades para aprender a fazer compostagem e artesanato com a folha da bananeira.

A seguir vamos contar resumidamente a história da ADESCO:



Esta experiência está localizada no Território da Borborema na cidade de Areia. Vivem nesta comunidade aproximadamente 200 famílias de agricultores e agricultoras familiares que encontraram em seus jovens os protagonistas neste que é um caso de sucesso de turismo rural.



Figura 6 – ADESCO – Areia.

Fonte: PROCASE (2019)

Pela história do grupo, sua capacidade de organização e mobilização, eles foram procurados pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB para, em parceria, reativar uma fábrica de produção de polpas de fruta que tinha sido inaugurada no ano 2000, mas não estava operando. Outro aspecto que salta à vista para favorecer o sucesso destas experiências são as parcerias. Junto com a UFPB, estava o SENAR que ministrou um curso sobre associativismo tendo como resultado a constituição da Associação (2006). De maneira complementar, ofertado pela mesma entidade, 20 jovens participaram do primeiro curso de trilha ofertado pelo SENAR.

Após o curso de trilha, os vinte jovens começam a ganhar alguns recursos fazendo trilha na Mata Pau Ferro em frente a comunidade Chã do Jardim.

Em 2007, o grupo de jovens, articulados com a UFPB, visitou uma fábrica de polpa no município de Areia o que os motivou a iniciar o processo de reativação da fábrica de polpa. Neste mesmo ano, os jovens participaram de um curso de empreendedorismo e comercialização oferecido pelo SEBRAE. Segundo Luciana (Presidente da Associação), uma frase dita pelo consultor modificou a forma deles verem a produção da fábrica de polpa:

*“quem não oferece
não vende”*



Ainda em 2007, começam a trabalhar com o artesanato da folha da Bananeira. Antes o artesanato produzido por eles era feito com folha de jornal, e durante um dos cursos do SEBRAE foi proposto trabalhar com a folha da bananeira. No caso específico da folha da bananeira, o trabalho foi desenvolvido pelas mães dos jovens.

Para Luciana, o processo de capacitação deve vir antes de qualquer recurso financeiro.

Durante os anos de 2006 a 2008, todos os recursos da fábrica de polpa foram revertidos na própria fábrica. Essa decisão tomada coletivamente afastou alguns membros, pois, segundo Luciana, eles vendiam e queriam dividir os lucros.

No ano de 2010 a produção de polpa de fruta passou a ser o carro chefe da geração de renda da comunidade. Dois anos depois, o SEBRAE os instigou a apresentarem uma proposta de desenvolvimento para a região. Neste momento, tiveram a ideia de abrir um restaurante rural. Segundo Luciana, ao comentar isso em uma das reuniões da associação ela foi chamada de doida. No entanto ela disse que conseguiu convencer alguns membros da sua família. Mas faltava uma coisa: dinheiro! Foi aí que Luciana, junto com mais duas pessoas, conseguiram acessar o PRONAF Estiagem gerando uma capital de R\$ 10.500,00. Com esse capital, no ano de 2013 conseguem abrir o restaurante.

No primeiro mês venderam, em média, 200 almoços por semana. Ao final do mês eles somavam tudo, retiravam as despesas e dividiam o restante. Fazem isso até 2015, quando Luciana procurou um contador e providenciou a abertura de uma microempresa. A partir desse momento passam a assinar a carteira de quem trabalha no restaurante e na fábrica da polpa de fruta. Além destas conquistas, o aumento da renda lhes permitiu melhorar a infraestrutura do restaurante e da fábrica de polpa. Atualmente vendem cerca de 5.000 refeições por mês.

Para chegar a esse patamar, a Presidente da Associação destaca que em 2014 foram contemplados com um projeto do Governo do Estado, através do projeto COOPERAR, o qual lhes possibilitou comprar um carro para escoar a produção de polpa, bem como maquinário para a fábrica.

Parcerias

Além das boas ideias e iniciativas, a exemplo da fábrica de polpa e trilhas (2006), artesanato com a folha da bananeira (2008) restaurante rural (2013), a constituição de parcerias foi fundamental para a realização desse projeto, a exemplo da UFPB para a constituição da fábrica de polpa de fruta, do SEBRAE e SENAR com os curso e do governo do estado com recursos para materiais e infraestrutura através do projeto COOPERAR.

A oportunidade de inovar veio com a adoção da prática de turismo rural como nova oportunidade de renda, a qual tinha como agentes diretos de ação os jovens locais. As iniciativas tiveram como ponto de partida as aptidões individuais para implantação das atividades ofertadas na comunidade conferindo, assim, visibilidade dos talentos locais. Essas ações passaram a fortalecer a comunidade, bem como criar uma rede de parceiros institucionais que originou recursos e assessoria do SEBRAE para implementação da atividade de turismo rural (quadro nº 2).

Experiência: Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim (ADESCO). Areia – PB		
Parceiro	Data	Contribuição
UFPB	2006	Apoio técnico e científico para inserção da fábrica de polpa. Realização de visitas de intercâmbio, visitas técnicas, estágios e articulação de novos parceiros a exemplo da Embaixada Holandesa.
SENAR	2006	Apoio técnico (curso de associativismo, trilha). Aproveitamento dos ativos locais e mudança na forma de trabalhar com o artesanato.
SEBRAE	2007	Apoio técnico. Realização de cursos (Empretec) e capacitações para melhoria dos ativos regionais. Visibilidade e melhoria da imagem dos produtos da comunidade.
Governo do Estado da Paraíba (COOPERAR, EMPREENDER, PROCASE)	2014	Apoio financeiro. Recurso para a fábrica de polpa (equipamentos e veículos) e restaurante. Comprar das polpas para serem utilizadas na merenda escolares.
BNB	2010	Apoio financeiro através do PRONAF Estiagem que viabilizou a abertura do Restaurante.

No Restaurante a maioria dos alimentos utilizados são produzidos pela comunidade, funcionárias e funcionários são da comunidade.



Figura 7 – Restaurante Rural Vó Maria – Comunidade Chã do Jardim.

Fonte: PROCASE (2019).

O piquenique é organizado por um roteiro previamente estabelecido com mantas no chão, alimentação e música ambiente, intercalada por uma caminhada e uma oficina de compostagem com os rejeitos dos produtos usados no restaurante e na fábrica de polpas.



Figura 8 – Piquenique na Mata Pau Ferro – Comunidade Chá do Jardim.

Fonte: PROCASE (2019).



*Figura 9 – Produtos elaborados com folha de bananeira
Fonte: PROCASE (2019).*

A participação da família foi um elemento central para o desenvolvimento do projeto, principalmente no apoio e incentivo das atividades na comunidade. Um exemplo desse processo é o artesanato feito com a folha da bananeira e o restaurante rural Vó Maria. Destaca-se que a experiência já é uma atividade consolidada, caminhando com suas próprias pernas, principalmente porque a ADESCO conta com o apoio profissional em alguns segmentos a exemplo da logística para entregar seus produtos, assessoria contábil e jurídica e psicológica para ajudar no desenvolvimento das atividades na comunidade.

Um dos elementos que se destaca nessa experiência é o papel dos jovens e o reconhecimento de suas habilidades, o que os leva a desenvolverem tarefas específicas. Outro ponto forte é a capacidade que os jovens têm de criar oportunidades de mercado, a exemplo do restaurante e das trilhas, entre outros descritos acima. Como pontos positivos ficaram evidentes a organização e a divisão de trabalho, diversidade e integração de atividades, valorização do conhecimento tradicional e fortalecimento da identidade local.

Além disso, é importante que a organização dedique ainda mais esforços no cuidado da Mata Pau Ferro com ações de formação dos turistas, convidando-os a fazer parte da preservação deste ativo natural do território.



*Oficina de artesanato com a folha da bananeira
Fonte: PROCASE (2019)*

***Seguindo na trilha:
de Areia para Cabeceiras
e Boqueirão...***

Cooperativa dos curtidores e artesãos de couro de Ribeira de Cabaceira – ARTEZA

Cabeceiras é conhecida como a Roliúde¹⁵ Nordestina, em referência aos vários filmes que já foram rodados na região, sendo um dos mais famosos o “Auto da Compadecida”. O fato de se realizar gravações de filmes nessa localidade deu visibilidade ao município e ampliou o turismo, transformando o município em uma rota cinematográfica. Além disso, outros ativos da região que convocam turistas de diversas procedências são o Lajedo de Pai Mateus, famoso por sua formação rochosa, e a Festa do Bode Rei realizada a cada ano.

É neste contexto que surge a Cooperativa dos curtidores e artesãos de couro de Ribeira de Cabaceira – ARTEZA, criada em 1998.

Cabeceiras é conhecida como a Roliúde Nordestina, em referência aos vários filmes que já foram rodados na região, sendo um dos mais famosos o “Auto da Compadecida”.

Atualmente Arteza conta com uma significativa variedade de produtos oriundos do couro de ovinos e caprinos que buscam atender à demanda dos turistas que visitam a região.

A seguir vamos contar resumidamente a história de ARTEZA:



Cabaceiras está localizada no Território Cariri Oriental.

Sua paisagem está composta pela caatinga arbustiva, típica das regiões mais áridas do Nordeste, com cactos, arbustos e vegetação típica como xiquexique, coroa-de-frade, juazeiro, umbuzeiro, jurema, entre outras.

As chuvas são irregulares e esparsas e a temperatura média na ordem dos 30°. Com média de apenas 350 mm durante o ano todo, as precipitações ocorrem apenas durante dois meses, dando vazão a estiagens que duram até dez ou onze meses nos períodos mais secos, conferindo a Cabaceiras o título de município onde menos chove no país. Essa região sofreu grandes transformações socioeconômicas nos últimos dez anos e atualmente tem grande parte da produção adaptada tecnicamente a práticas voltadas à convivência com o semiárido.

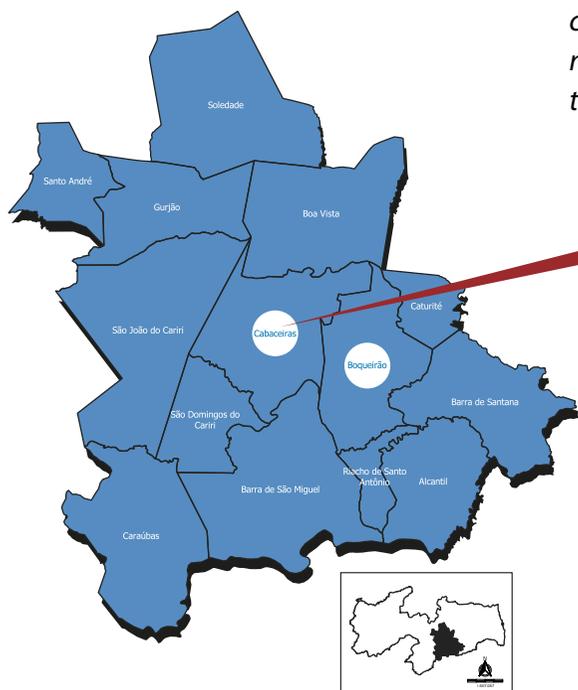


Figura 10 – ARTEZA – Cabaceiras
Fonte: PROCASE (2019).

Em meados dos anos 90, têm início as atividades da Arteza. O senhor José Carlos Castro, conhecido por senhor Carlinhos, com o intuito de preservar a profissão do artesão em couro que estava em queda, bem como trazer opções ao processo de êxodo rural e a falta de emprego no distrito de Ribeira. Neste momento ele começou a planejar uma forma de fortalecer a produção do couro novamente e devolver a identidade da comunidade rural da Ribeira.



Figura 11 – Loja de artesanato de produtos em couro. Cabeceiras.

Fonte: PROCASE (2019).

Da ideia partiu-se para a prática. Buscou parceiros para criar uma associação que só mais tarde se transformaria em uma cooperativa. Inicialmente ele contou com o apoio da prefeitura de Cabaceiras, em seguida contou com o apoio do governo do Estado. Posteriormente conseguiu o apoio do SEBRAE e do SENAI. A partir da articulação destes parceiros, no ano de 1998, foi fundada a Arteza que a época

contava com 28 sócios e atualmente conta com 71 associados, beneficiando mais de 300 famílias, com destaque para os jovens da comunidade.

Segundo um dos membros da cooperativa, ela traz orgulho e sentimento de pertencimento, pois ao longo dos últimos anos tem possibilitado o retorno dos jovens para a sua terra.

Para os diretores da Arteza, uma das chaves para o sucesso foi a constituição de seu regimento interno no qual foram estabelecidas normas sobre o tipo de artesanato a ser produzido, a especialização por cada um dos integrantes em um produto específico para evitar a concorrência interna entre os sócios, ou seja, cada um ficaria responsável por produzir um tipo de produto derivado do couro.

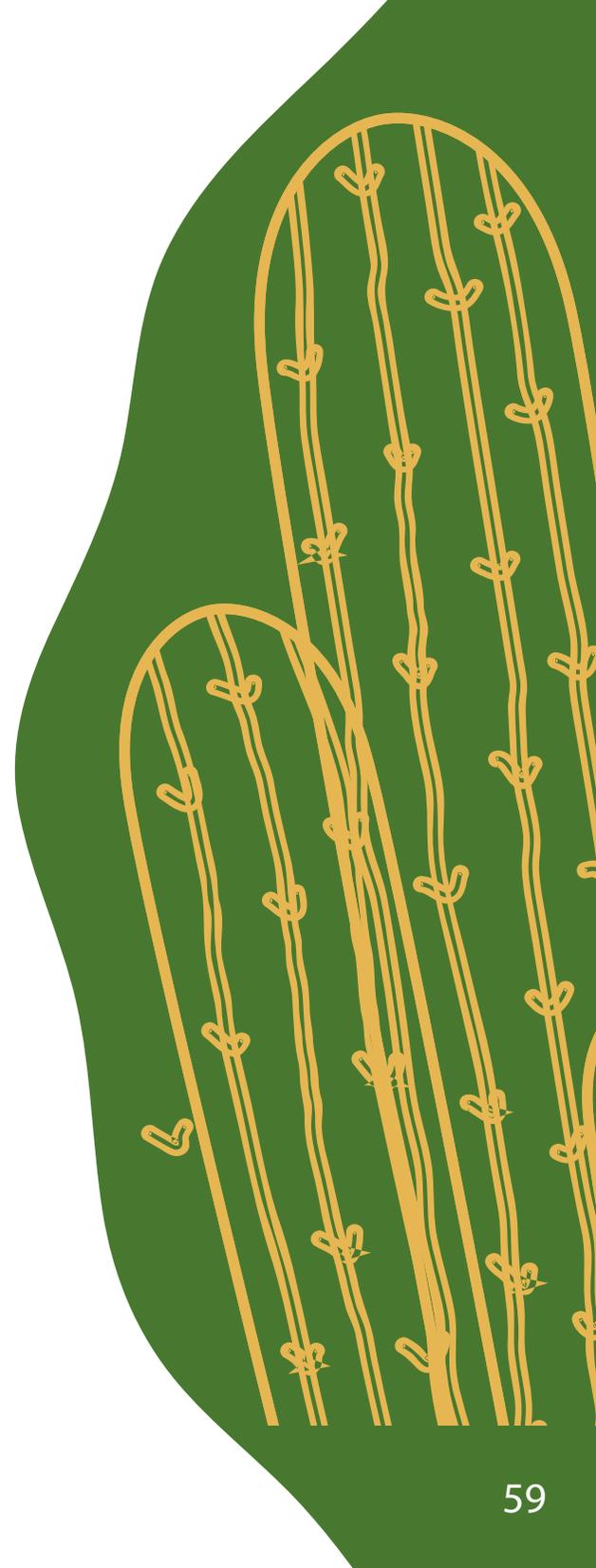
O funcionamento da cooperativa é uma espécie de roda-gigante. A Arteza recebe o produto do artesão pelo preço mínimo, coloca 4,5% em cima de lucro e vende aos comerciantes. Ao receber o dinheiro, a cooperativa repõe o valor do artesão, paga os seus custos, como folha de pessoal e manutenção. No começo de todo ano é feita uma assembleia para definir o que será feito com o lucro.

Além da organização da Cooperativa e seus avanços em termos econômicos e sociais, a Arteza desenvolve atividades que diminuem o impacto ambiental de sua atividade para o qual fazem o curtimento com matérias primas de origem

vegetal. As práticas convencionais utilizam o cromo que é altamente prejudicial à saúde e ao meio ambiente. Na técnica usada pela Arteza utiliza-se casca do angico de onde é extraída uma seiva chamada tanino responsável por curtir o couro. Para os diretores o couro é o pulmão da comunidade da Ribeira.



*Figura 12 – Artesão – Associado a ARTEZA.
Fonte: PROCASE (2019)*



Parcerias

No quadro nº 3 pode-se apreciar o número e tipo de parceiros foram determinantes para o desenvolvimento deste projeto.

Experiência: Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro de Ribeira de Cabaceiras (ARTEZA). Cabaceiras – PB		
Parceiro	Data	Contribuição
Prefeitura Municipal de Cabaceiras	1998	Apoio financeiro. Visibilidade dos produtos derivados dos caprinos e ovinos a partir das produções cinematográficas a exemplo do Auto da Compadecida e a realização da festa do Bode Rei.
Governo do Estado da Paraíba (Cooperar, Empreender)	1998	Apoio financeiro para a compra de equipamento e construção de infraestrutura.
SEBRAE	1998	Consultoria em torno de melhoria da qualidade dos produtos, visibilidade e venda dos produtos. Capacitação em cursos e viagens.
SENAI	1998	Apoio técnico e produtivo dos produtos oriundos de caprinos e ovinos. Capacitação de mão de obra.
SEESCOOP	1998	Capacitação e cursos voltados para o associativismo e abertura de novos mercados.
UFPB-UFCG	2002	Desenvolvimento de Projetos de Gestão Ambiental
PROCASE – FIDA	2018	Placas solares

Segundo os membros da Arteza, a parceria com a Prefeitura Municipal de Cabaceiras foi fundamental, pois precisava que alguém acreditasse na ideia. Para isso o papel desempenhado pelo Prefeito da época, Junior Aragão, foi importante, principalmente quando cria a festa do Bode Rei.

Outro parceiro importante foi o SEBRAE com sua assessoria e capacitação para os membros da Arteza. Foi a partir da parceria que os produtos da Arteza ganharam um padrão de qualidade, bem como começaram a participar de feiras e eventos.

O Governo do Estado, desde a constituição da Arteza, foi fundamental no apoio financeiro para a aquisição de equipamentos e infraestrutura.

Mais recentemente um parceiro que merece destaque é o SESCOOP (Serviço Nacional de Aprendizagem no Cooperativismo) com a orientação de gestão de negócios. Tem sido fundamental para a expansão das vendas e profissionalização do trabalho da Arteza.

Outro aspecto importante é o envolvimento familiar, principalmente a partir das oficinas localizadas nas casas dos cooperados. Segundo Lucas (diretor da Arteza), as oficinas na casa das famílias possibilita que a técnica seja passada de geração em geração, possibilita mais oportunidade de emprego e ingressos econômicos.

Apesar dos avanços, segundo os diretores da Arteza, é necessário ampliar a integração entre o produto final e a produção de matéria prima que é o couro de caprinos e ovinos. Apesar da região ser uma grande criadora de caprinos e ovinos, o couro destes animais ainda é tratado como um subproduto. Ou seja, o couro utilizado nas oficinas e no curtume é praticamente vindo toda de fora. O que em certa medida torna o processo produtivo mais oneroso. Sem contar que a produção local desta matéria prima poderia gerar mais capital na comunidade.



Figura 13 – Linha de produção do curtume da ARTEZA

Fonte: PROCASE (2019).



Atualmente as jovens lideranças exercem o protagonismo no processo administrativo da cooperativa, inclusive fazendo parte de sua gestão.

Esse protagonismo ajudou no fortalecimento da rede de produção e comercialização, reconhecendo no trabalho em conjunto um caminho para garantir a diversidade de produtos, com qualidade, quantidade e regularidade na oferta, pois, ao invés de cada artesão procurar produzir e vender seus produtos individualmente, começaram a somar forças, fortalecendo a capacidade produtiva.

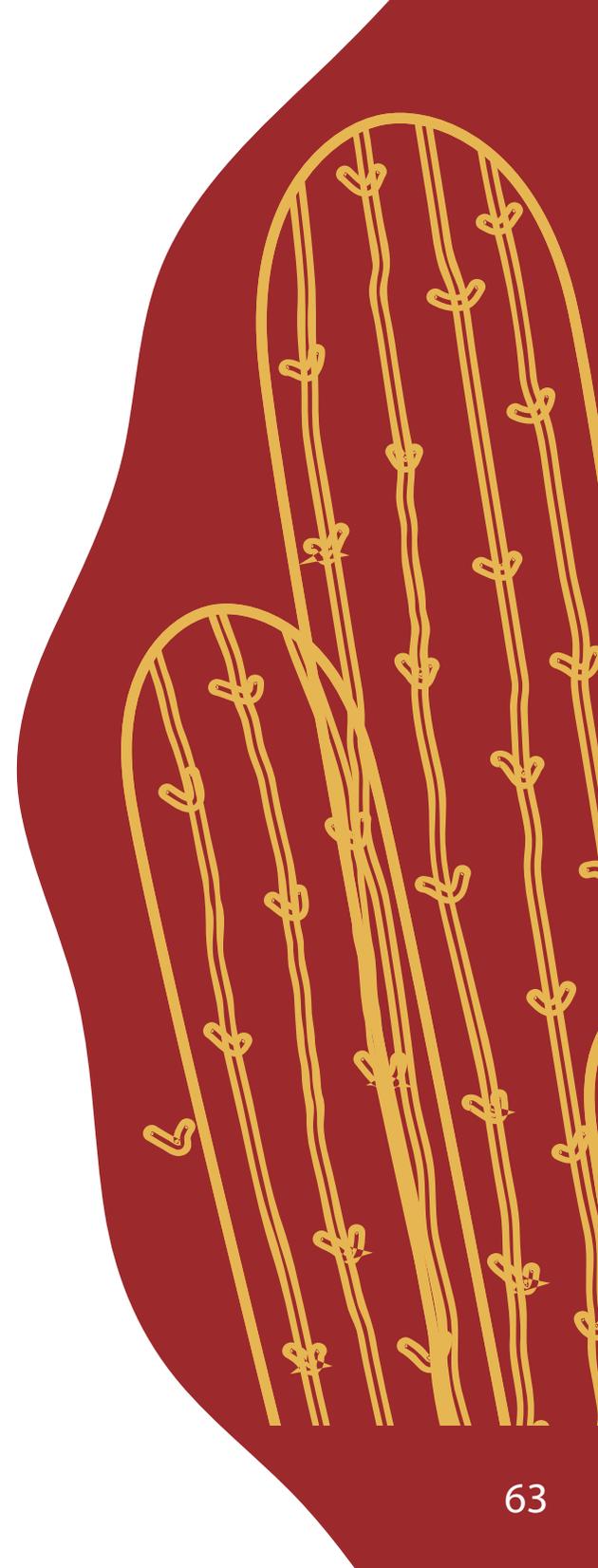
A produção de artesanato em couro conta com a adoção de práticas mais sustentáveis e em harmonia com a natureza, como o uso de placas solares entregues pelo PROCASE – Programa que trabalha pelo desenvolvimento do Semiárido Paraibano – e adoção de técnicas de curtume naturais e com menor uso possível de componentes químicos.

O artesanato passou a ser fator importante no processo de geração de renda, fortalecimento da cultura local e indutor para aumento da consciência ambiental por parte dos artesãos, que já perceberam a necessidade de adotar técnicas naturais, não só para valorizar o produto final, mas também para preservar a sua saúde. Os artesãos passaram a adotar técnicas produtivas consorciadas com o uso dos resíduos animais da preparação do couro para reestruturação de estrutura e fertilidade do solo.

Segundo um dos integrantes da associação, trabalhar com o couro gera nos indivíduos locais um sentimento de pertencimento pela transmissão de conhecimento de geração a geração.

...se não fosse o couro, provavelmente eu teria saído da comunidade, como eu tem um monte aqui. Eu faço o que meu pai me ensino, e produzo da forma que ele produzia. (Lucas, Diretor da Arteza)

A associação é ciente da necessidade de ampliar as parcerias com os produtores locais, assim como da renovação e aproveitamento da mão de obra local, através de financiamento de cursos promovidos pela Cooperativa. Também, da necessidade de fortalecer a gestão e discutir sobre a pouca participação das mulheres na mesma. Destaca-se a importância do protagonismo da juventude na associação o que possibilitou a mudanças na forma de pensar o processo produtivo. Graças às iniciativas dos jovens foi criada uma loja com mostras da diversidade de artesanatos criados pelos associados de Arteza. De igual maneira, participam de feiras e exposições dentro e fora do Estado o que, junto com a assessoria feita pelo SEBRAE, tem contribuído na qualidade dos produtos e na gestão cooperativa.





Crochêma
Crochêmas de Marimbó - RJ

Condutores de Turismo e as Crocheteiras do Marinho – Boqueirão

Localizada no Território Cariri Oriental, no Município de Boqueirão o Lajedo do Marinho é um atrativo turístico no Distrito Rural do Marinho que reúne várias atividades ofertadas tanto pela Associação das Crocheteiras do Marinho e pelos “Condutores do Lajedo Marinho”.

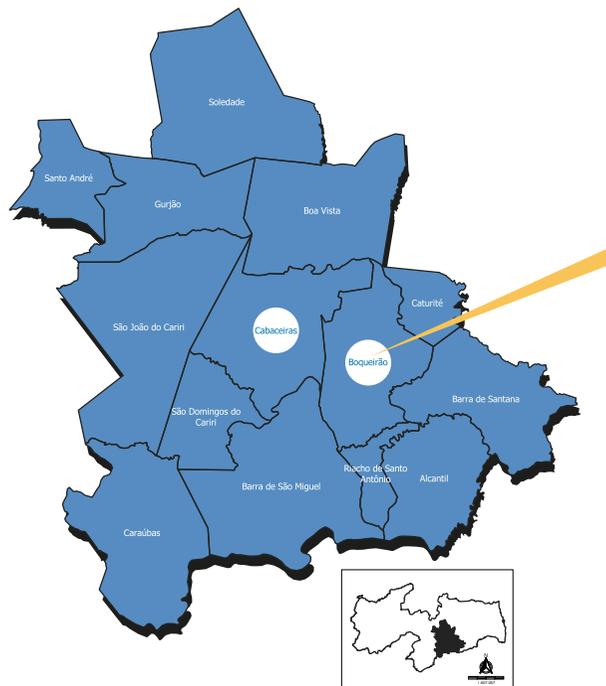
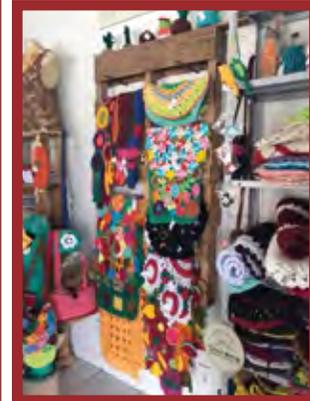


Figura 14 – Condutores Turísticos e as Crocheteiras do Lajedo do Marinho
Fonte: PROCASE (2019).

O Distrito do Marinho é uma área rural do semiárido com grande beleza natural com um acervo único de pinturas rupestres. Desde o ano de 2014, com o apoio do SEBRAE, foram formalizadas as associações voltadas às atividades de turismo, sobretudo para a apreciação das riquezas naturais. Essa ação possibilitou vincular a produção local ao turismo, com destaque para as atividades de visitação, vivências culturais ao pôr do sol, hospedagem em camping, alimentação, venda de artesanato e oficinas para fazer crochê.



A seguir vamos contar resumidamente a história da Associação das Crocheteiras do Marinho e os Condutores do Lajedo Marinho:



A Associação Crocheteiras do Marinho é constituída por um grupo de mulheres artesãs. A associação foi conformada no ano de 2014 graças a uma assessoria do SEBRAE. De igual forma, no mesmo ano foi constituída a Associação Condutores do Marinho que surge a partir da união informal de um grupo de monitores ambientais locais que receberam capacitação do Programa SEBRAE de empreendedorismo, criatividade e produção associada ao turismo.

O Distrito do Marinho desde o início dos anos 2000 enfrentou várias secas com a consequente diminuição da produção agropecuária o que levou à busca de novas formas de geração de renda e criação de novos postos de trabalho para os jovens da comunidade. Por meio de ações coletivas estas associações ofertam hospedagem e alimentação, além dos passeios pelas trilhas e as oficinas de crochê. Atualmente fazem parte do circuito turístico fomentado pelo Governo da Paraíba que apoia visitas da imprensa e operadores de viagem na localidade com objetivo de e ampliar o mercado, ao passo que promove e permite a participação em feiras e exposições, a exemplo do salão do artesanato da Paraíba.

Esta organização desenvolve ações de turismo no meio rural, como o ecoturismo, mas fortemente associadas com ações de turismo rural como o artesanato envolvendo vários atores do território. Também pode se reconhecer como inovação o fato de as diversas atividades serem administradas por associações diferentes dentro da mesma comunidade, com autonomia própria, mas que enxergam o Lajedo do Marinho como um destino turístico único e tomam decisões coletivas para a promoção e mercado.



Figura 15 – Portal de entrada do Lajedo do Marinho
Fonte: PROCASE (2019).

Parcerias

Um ponto forte do processo foi o fortalecimento das redes com parceiros institucionais, como Governo do Estado/PROCASE e SEBRAE, que originou recursos e assessoria para a implementação da atividade de turismo rural bem como da Prefeitura Municipal para promoção da localidade e apoio infraestrutura (Quadro nº 4).

Experiência: Associação de Condutores e Crocheteiras do Lajedo do Marinho		
Parceiro	Data	Contribuição
Prefeitura Municipal de Boqueirão	2014	Apoio financeiro e logístico.
SEBRAE	2014	Capacitações em empreendedorismo, criatividade e produção associada ao turismo. Diversificação da produção. Cursos, viagens e participação em eventos (férias, exposições)
Governo do Estado (Cooperar, Empreender, PROCASE-FIDA)	2014	Apoio financeiro e logístico para o desenvolvimento das atividades dos condutores e as Crocheteiras
UFAL/UFPB/IFPB	2014	Apoio técnico científico voltado para a valorização e organização de ações de promoção da localidade com foco nas escrituras rupestres.

Similar as outras experiências já apresentadas neste texto, a participação da família apresenta-se como elemento fundamental. Destaca-se pelo tipo de atividade produtiva, a forte presença das mulheres, porém, ao contrário dos demais casos, a participação de jovens é ainda baixa.

As ações promovidas na comunidade com a inserção destas atividades, ampliaram a renda das famílias envolvidas, a valorização e participação das mulheres e a criação de novas oportunidades de emprego e desenvolvimento de projetos. Contudo, se reconhece a necessidade de um maior envolvimento dos jovens para conseguir a consolidação do empreendimento.



*Figura 17 – Grupo que participou do intercâmbio
Fonte: PROCASE (2019).*



*Figura 16 – Desfile no Lajedo com roupas de Crochê
Fonte: PROCASE (2019).*

Através do artesanato, os associados acessam o mercado de feiras e promovem desfiles de moda com as peças produzidas pelas crocheteiras. Como projeto para o futuro, eles pretendem comprar um “Caminhão Loja” que lhes permitirá participar de muitas atividades, a exemplo de feiras e exposições.

A experiência mostrou a capacidade que os atores tiveram de utilizar o ambiente físico e os atrativos culturais para promover o turismo como fonte de renda. Para tal foi importante a articulação em torno de parceiros externos como disparadores do processo, a exemplo do SEBRAE e do PROCASE. No entanto, apesar do esforço é necessário promover ações que melhorem a estrutura de produção, a gestão da organização e o mercado do artesanato.



Fonte: PROCASE (2019)

Associação de lideranças e organizações de agricultores e agricultoras familiares do Cariri Paraibano – CASACO

A última experiência visitada foi a do CASACO. O objetivo de chegar até aqui foi conhecer boas práticas de convivência com o semiárido que, embora na atualidade não estejam vinculadas a uma ação específica de turismo rural, têm um alto potencial para inserir uma estratégia desse tipo. A partir das práticas produtivas que desenvolvem, é possível resgatar as especificidades dos modos de vida rurais dessas comunidades (práticas, formas de organização, cultura).

A Associação de lideranças e organizações de agricultores e agricultoras familiares do Cariri Paraibano é uma organização social do Estado da Paraíba muito bem-sucedida, reconhecida tanto pelo protagonismo feminino, pela liderança jovem, bem como pela adoção de práticas agroecológicas como condição fundamental para participar do processo associativo.

Esta organização surge pelo processo de mobilização e organização social oriunda da rede de Articulação do Semiárido (ASA), associada à dinâmica e metodologia de atuação do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) na região do Cariri Paraibano.

Com o passar do tempo e com o empoderamento e apropriação política por parte dos atores envolvidos, no ano de 2006 os membros da associação constituíram juridicamente a entidade. Após muito diálogo foi formatada uma associação ligada à agricultura familiar numa dimensão regional para

desenvolver ações junto às famílias agricultoras e organizações sociais. Seu principal foco de atenção é a adaptação e construção de tecnologias sociais de captação e armazenamento da água da chuva¹⁶, produção agroecológica, armazenamento e comercialização de sementes, comercialização dos produtos da agricultura familiar, entre outras ações afins, orientadas por uma abordagem de convivência com o semiárido fundamentada pela agroecologia.

Dois anos depois, no ano de 2008, foi constituída a Associação de Lideranças, Organização, Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri paraibano – CASACO. Atualmente a associação possui mais de 400 pessoas envolvidas com as suas iniciativas. A partir desse momento a associação passa a desenvolver ações em conjunto com o coletivo da ASA e seus parceiros em torno da estruturação das propriedades dos agricultores para dinamização dos processos de transição agroecológica junto ao grupo de agricultores e agricultoras experimentadoras, bem como o avanço na organização da produção, beneficiamento e comercialização através da rede de comercialização regional da tenda agroecológica do Cariri criada no ano de 2012.

Atualmente, o CASACO realiza suas atividades tendo como base e referência algumas áreas temáticas: Agricultores e agricultoras experimentadores; Juventude camponesa; Mulheres camponesas; beneficiamento e comercialização de alimentos; Fundo Rotativo Solidário (FRS) e Criação animal.

¹⁶ *Um dos equipamentos que foi vital para o desenvolvimentos das ações da CASACO é a cisterna de placa (reservatório que serve para captar, armazenar e conservar a água) promovidos por parcerias entre o governo Federal e Estadual são considerados o grande divisor de águas que possibilitou a retirada desta população de extrema condição de pobreza.*

Um dos principais aspectos de destaque da associação é seu empenho pela preservação ambiental, a defesa da agro biodiversidade, o banco de sementes e a organização da Festa da Semente da Paixão. Todas estas ações estão orientadas à convivência com o semiárido e a segurança alimentar e nutricional das famílias.

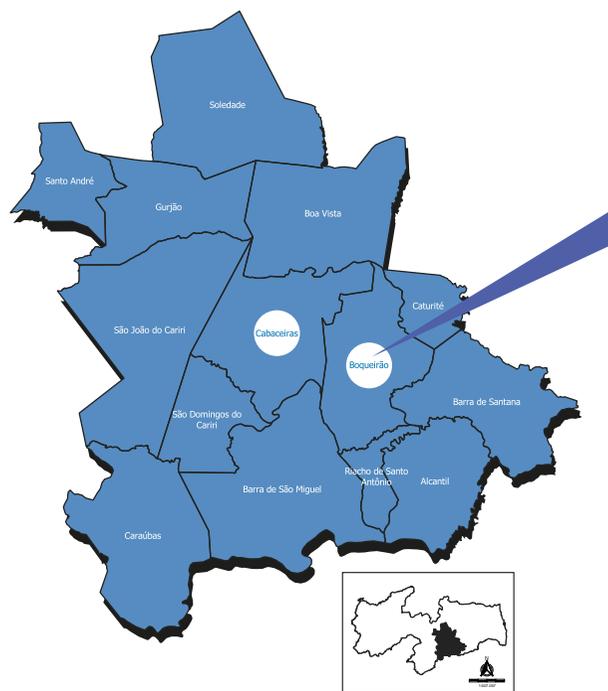


Figura 18 – Armazenamento e banco de sementes. CASACO – Boqueirão
Fonte: PROCASE (2019).



A seguir se descrevem três ações que exemplificam a diversidade de serviços oferecidos pelo CASACO.

Estes são:

- i) Tenda Agroecológica (Boqueirão);*
- ii) Propriedade Familiar (Comunidade Bento);*
- iii) Boas práticas Agroecológicas (Comunidade de Três Lagoas).*

Tenda Agroecológica (Boqueirão)

Na sede do CASACO, foi montado um ambiente para receber, armazenar e vender os produtos oriundos da agricultura familiar, principalmente de origem animal e vegetal. Uma das características é a comercialização de produtos agroecológicos e a capacidade que a organização conseguiu de passar para o cliente, uma espécie de selo de confiança e procedência dos seus produtos.



Figura 19 – Tenda Agroecológica

Fonte: PROCASE (2019).

Propriedade Familiar (Comunidade Bento)

Na propriedade rural dos agricultores familiares João Batista e Socorro Cavalcante, na comunidade Bento do Município de Boqueirão, foi visitado um casal de agricultores experientadores, que é o nome dado aos agricultores que experimentam as tecnologias desenvolvidas pelo CASACO e seus parceiros. Chama a atenção a utilização e desenvolvimento de boas práticas de convivência com o semiárido. Na propriedade foi apresentada as experiências voltadas para o armazenamento de água de chuva, filtro de reuso de águas, fossa ecológica, barragem subterrânea, poço amazonas, criação de galinhas caipiras e suínos com especial atenção na criação de caprinos e ovinos com a produção de queijo e leite, com almoço organizado pelas mulheres do coletivo CASACO.



*Figura 20 – Propriedade Rural Bento recebendo o grupo do intercâmbio
Fonte: PROCASE (2019).*

Boas práticas Agroecológicas (Comunidade de Três Lagoas)

Na propriedade rural localizada na comunidade Três Lagoas do agricultor familiar Antonio Augustinho, foi possível participar das “Oficinas de Produção de Queijo e Ordenha”, visitar a criação de cabras de leite, conhecer a proposta de uma casa de sementes e visitar a casa do guardião, que é um local de armazenamento, troca e preservação das sementes da paixão (sementes criolas). As oficinas de queijo são consideradas atividades de turismo rural com a valorização da troca de conhecimento. Mesmo não sendo adotado esta terminologia, a propriedade apresenta característica que permitem adotar o turismo rural como mais uma das práticas de convivência.



Figura 21 – Sr. Antonio Augustinho no Banco de Sementes – Propriedade Rural Três Lagoas.
Fonte: PROCASE (2019).

Parcerias

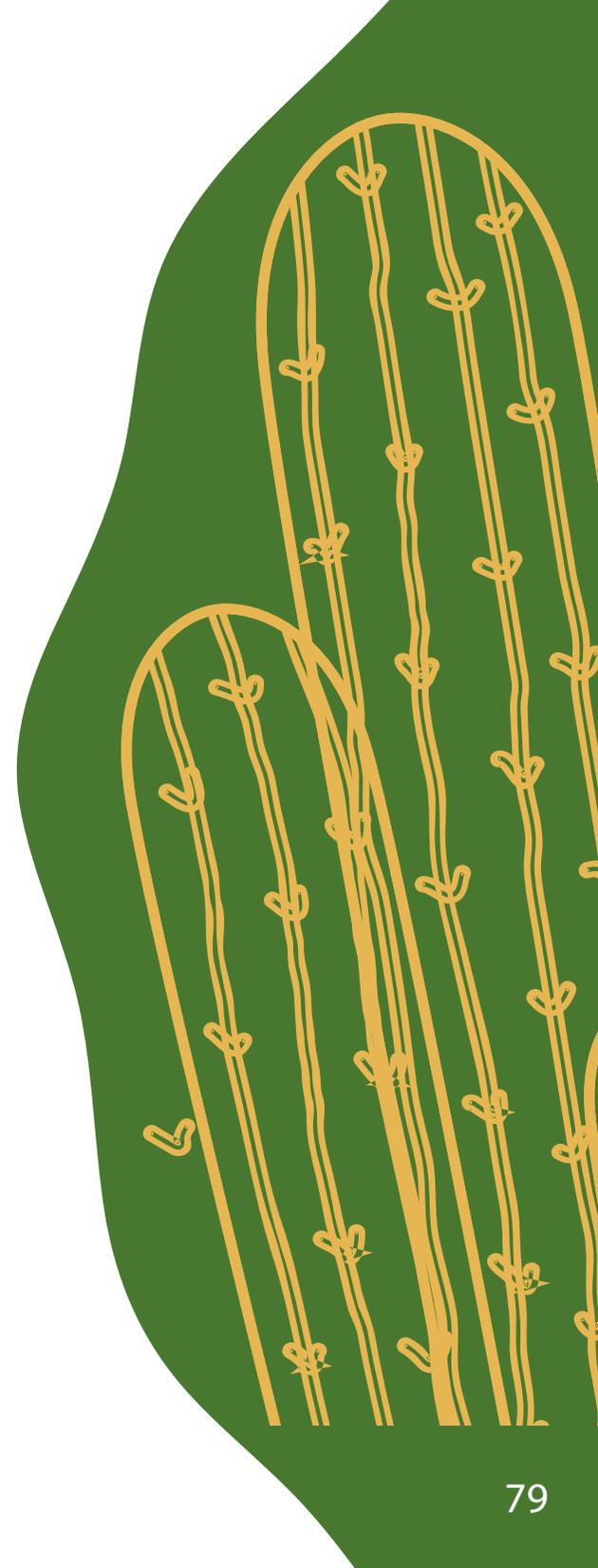
A constituição de parcerias foi fundamental para o desenvolvimento das ações deste coletivo, a exemplo das estabelecidas com a ASA, Governo Estadual através dos projetos COOPERAR e o PROCASE (Quadro nº 5).

Experiência: Associação de Lideranças e Organizações de Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri Paraibano (CASACO)		
Parceiro	Data	Contribuição
Articulação do Semiárido (ASA)	2002	Apoio técnico, metodológico e experimental. Inserção de novas tecnologias de convivência com o semiárido. Capacitação dos agricultores experimentadores.
Governo da Paraíba EMATER/EMPAER	2003	Apoio para o desenvolvimento da infraestrutura. Assessoria técnica.
PROCASE-FIDA	2015-2018	Apoio de Infraestrutura e assessoria técnica.
Prefeitura Municipal de Boqueirão	2002	Infraestrutura e logística.
Associação Brasileiras de Bares e Restaurantes – Abrasel	2014	Apoio comercial e vendas. Realização de cursos Abertura de mercados privados.
Instituto do Semiárido – INSA	2011	Apoio técnico e científico. Realização de pesquisas e apoio pedagógico.
SENAR	2017	Assessoria técnica e realização de cursos
EMBRAPA	2017	Apoio técnico e científico. Produção de Laticínio.
SEBRAE	2018	Apoio técnico e consultoria para melhoramento dos produtos, da venda e produção de eventos.

Casaco é uma experiência coletiva formada por agricultores familiares reconhecidos como sendo experimentadores agroecológicos do semiárido, o qual envolve todos os membros da família em torno do desenvolvimento destas tecnologias. A prioridade é o envolvimento dos jovens nas atividades de formação e integração com os coletivos da rede ASA de outras regiões e Estados do Semiárido, bem como participação nas atividades agropecuárias na propriedade.

Em função do tempo e das tecnologias desenvolvidas, as experiências do CASACO podem ser consideradas como atividades consolidadas. Atribui-se o sucesso dessa experiência ao fato da realização constante, por parte do CASACO, de uma assessoria técnica.

Essas iniciativas influenciam direto na qualidade de vida dos associados, promovendo não só boas práticas produtivas, mas associativas. A promoção de atividades com os agricultores experimentadores, permitiu a eles a chegada de equipamentos sociais que melhoram a sua qualidade de vida, a exemplo da chegada das cisternas de placas e calçadão que ampliou significativamente a segurança hídrica da família. A valorização da produção de ovinos e caprinos e seus derivados ampliou a possibilidade de crescimento da renda da família a partir de novas atividades e produtos a exemplos do turismo rural, gastronomia, e corte e produtos oriundo dos caprinos e ovinos.





Concluindo

Os territórios de Borborema e Cariri Oriental são um laboratório de alternativas para conviver com o Semiárido. Entre essas alternativas estão as cinco experiências visitadas cujas organizações buscam aproveitar a riqueza dos ativos socioculturais, produtivos e naturais da região para associá-los ao turismo. Os aprendizados gerados a partir do intercâmbio foram muitos. Entre eles pode-se ressaltar a importância de diversificar os empreendimentos, misturando múltiplos produtos e serviços, como é o caso da ADESCO ou o Distrito Rural de Marinho. De outro lado, um aspecto que não pode ser subestimado é a regularização da propriedade dos ativos, incluindo a terra, a qual deve ser concertada e/ou contratada previamente à realização de inversões, especialmente ativos físicos como é o caso do Projeto Flores Vila Real, mas igual ativos imateriais como os conhecimentos tradicionais. Junto com isso, comprova-se que o desenho e prestação de serviços turísticos requerem de habilidades e competências específicas em termos de produção, comercialização e mercado. Fortalecer essas habilidades e competências poderia ser um foco de atenção dos parceiros dessas iniciativas. A base comunitária é uma característica que pode facilitar o fortalecimento dos empreendimentos dirigidos à geração de capacidades para a gestão dos negócios.

As histórias registradas nesta cartilha valorizam o patrimônio cultural e natural dos territórios no semiárido paraibano se esforçando em fortalecer suas organizações e criar relações que lhes permitam melhorar as condições de vida das comunidades locais. De igual forma, geram espaços de articulação com agentes externos que os apoiam na implementação dos arranjos produtivos, seja com ações de formação ou investimento. São experiências cheias de bons resultados e igual desafios. A trilha continua e os aprendizados assinalam que se faz necessário criar estratégias que vinculem estas experiências ao mercado de viagens e turismo como, também, contribuam no desenho de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento do turismo rural para a redução da pobreza e das desigualdades nos territórios visitados.



Talentos Rurais



Maria das Dores dos Santos Lima Filha, conhecida por Moça, agricultora, 43 anos de idade, residente no sítio Tapuio no município de Areia, é atualmente Presidente da Associação de Desenvolvimento Sustentável de Macacos e Furnas ADESMAF

...nessa época a gente não sabia mais o que fazer, a gente já tinha feito tudo... Estava todo mundo indo embora. Foi ai que a gente começou a plantar as flores e coisa foi mudando. Foi ai que a gente criou a associação (Dona Maria, Presidente da Associação)

- ☀ Capacidade de liderar e articular parceira para viabilizar a produção, exposição e venda dos produtos.
- ☀ Realização de gestão coletiva em parceria com (Prefeitura Municipal de Areia, Governo do Estado, UFPB, SEBRAE, BNB, Embaixada Holandesa). Capacidade de inovar a produção e inserir novos produtos, a exemplo da produção de alimentos derivados das flores (bolos, chás, sorvetes). Circuito turístico: visita às estufas, oferta de lanches e almoço com produtos da comunidade. Acessar novos mercados: feiras-livres, exposições e eventos.





Luciana Balbino de Souza, 29 anos, coordenadora da Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Chã do Jardim (ADESCO) situada na comunidade Chã do Jardim na zona rural da cidade de Areia na Paraíba

*... não existe condição ideal... tem que fazer agora, com o que tem.
(Luciana Balbino, coordenadora da ADESCO).*

-  Liderança consolidada na comunidade. Principal articuladora das ideias da associação. Possui capacidade de articular parceiros em torno do projeto.
-  Palestrante do SEBRAE, ela tem contribuído a partir de suas ações para o desenvolvimento da região.
-  Defensora do empreendedorismo a partir das capacidades locais e protagonismo feminino e juvenil.

*“o empreendedorismo
transforma os lugares
e as pessoas.”*



Lucas da Araújo Castro, 32 anos, artesão, administrador de empresas, residente no Distrito do Ribeira de Cabaceiras. Desde 2018 é diretor administrativo Financeiro e sócio da Cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro de Ribeira de Cabaceiras – Arteza.

...é preciso ter um compromisso ambiental e com a constante capacitação e renovação da qualificação da mão de obra (valorizando o conhecimento local) para que se tenha um produto diferenciado e de boa qualidade.



Filho de cooperado exerce importante influência na mudança burocrática da associação. Ampliando as escolhas coletivas e mudanças em práticas antigas. Dinâmico na forma de encarar problemas antigos com respostas novas, principalmente com o acionamento de atores externos, a exemplo do SEBRAE e SESCOOP.





Nadilson Vieira Valentin, 45 anos, técnico em contabilidade (2001) e em Gestão Cultural (2016-2017), condutor turístico e líder Comunitário. Atualmente é secretário de cultura do município de Boqueirão. Ele dedica seu tempo para dar visibilidade ao distrito do Lajedo do Marinho. Intitula-se como um guardião do Lajedo. Para ele, é muito fácil trabalhar nesta região, pois ela tem muita potencialidade.



Líder comunitário e político da comunidade. Desempenha capacidade de articular atores em torno do projeto de desenvolvimento turístico local.

...temos o lajedo, a comida, as trilhas. Um monte de coisa pode ser feita (Nadilson, Condutor Turístico).



Maria Célia de Araújo Gonçalves, 41 anos, agricultora, líder e uma das fundadoras da Associação da Associação de lideranças e organizações de agricultores e agricultoras familiares do Cariri Paraibano – CASACO

Três palavras podem ser destacadas: determinação, diversidade e parceria.



Capacidade de exercer lideranças, coordenar projetos e conduzir processos de formação. Habilidade em constituir parcerias e socialização de boas práticas de convivência com o semiárido com o foco na agroecologia.



Atualmente ela produz mensalmente 96 kg de queijo, 1200 cocada, 50 kg de doce e 250 kg de carne de ovinos e caprinos. Gerando uma renda média de pouco mais de 7 mil reais por mês. Ela produz tudo isso em uma propriedade de 50 ha. A produção é feita de forma artesanal e agroecológica. Vende os seus produtos na Tenda Agroecológica e nas feiras livres e eventos na região. Como principal forma de propaganda ela utiliza a degustação.





ISBN 978-92-9072-954-9



9 789290 729549

9 789290 729549



FIDA

Investindo nas populações rurais



Procasur

*Cosechando Innovaciones, Sembrando Oportunidades
Harvesting Innovations, Spreading Opportunities*

